

mosaico

apoio pastoral

ISSN 1676-1170

2013



9 771676 117002 52

NESTA EDIÇÃO

Espiritualidade:
o que é isso?
pág. 3

Experimentar Deus hoje com
discernimento e sabedoria!
pág. 6

Experiência com Deus
no Novo Testamento
pág. 9

"Provai, e vede que o
SENHOR é bom"
pág. 12

Uma fervorosa inteligência:
Sobre a experiência religiosa
em Wesley
pág. 14

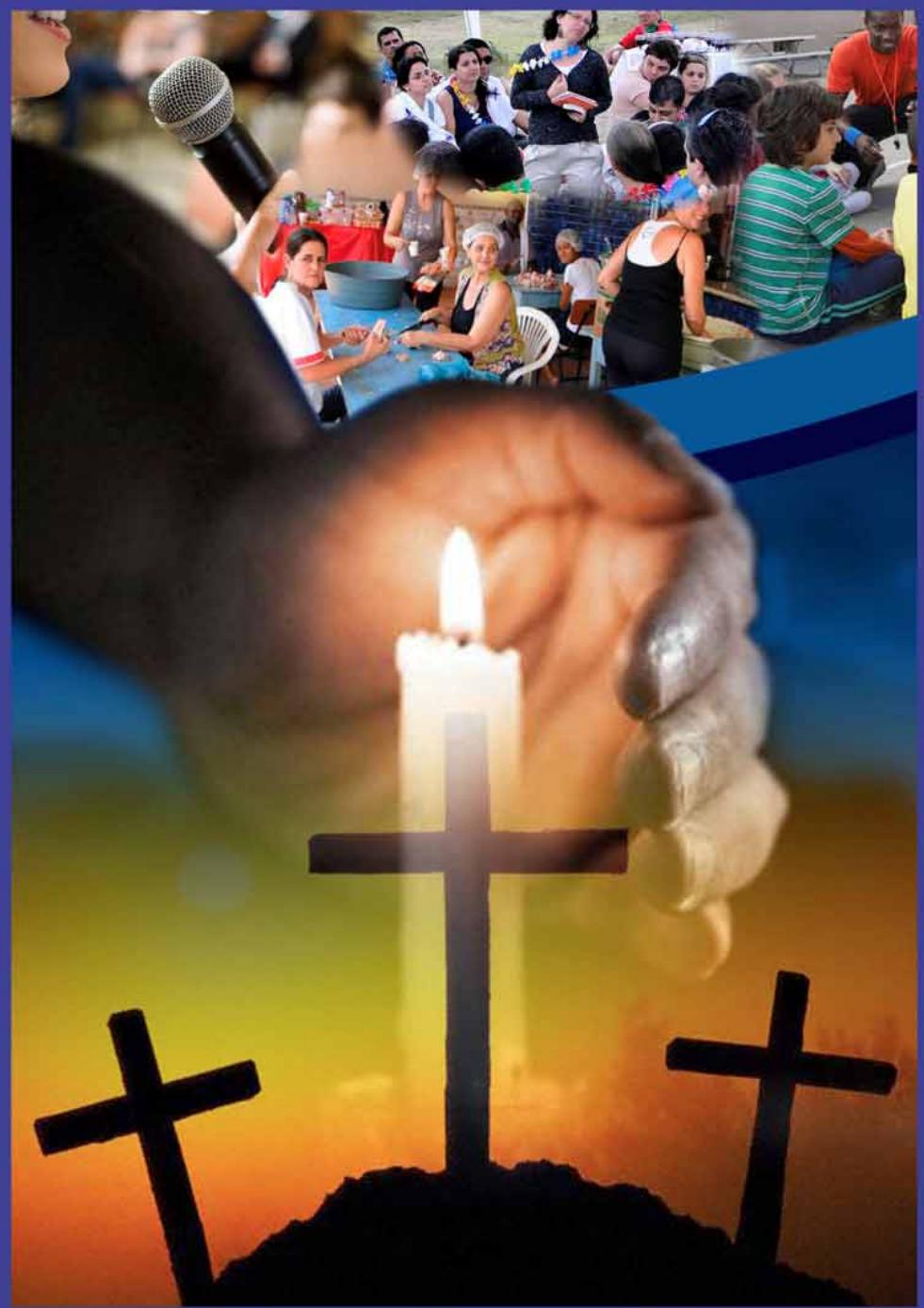
Experiência com Deus
no pentecostalismo
pág. 17

Prisões:
um espaço
de missão integral
pág. 20

Por uma comunidade que
enxerga para além da visão!
pág. 22

Cartas, algemas e
promissórias
pág. 24

Natureza e humanidade:
perfeita criação
pág. 27



Experimentar Deus Hoje

Editorial

Espiritualidade em reflexão

Seja este
número aquilo
que Mosaico
se propõe:
um apoio à
ação pastoral!

Neste número, Mosaico Apoio Pastoral traz, como o faz tradicionalmente, reflexões relacionadas à temática da Semana Wesleyana promovida anualmente pela FaTeo. “Experimentar Deus hoje. A propósito dos 275 anos da experiência religiosa de John Wesley” é o tema que conduzirá as reflexões da semana de estudos deste 2013, com instigantes abordagens no campo da bíblia, da história e da teologia. Aqui temos uma coleção de seis textos sobre o tema, produzidos por pessoas que atuarão na semana e outras não, ampliando a diversidade de abordagens.

Na segunda parte de Mosaico, mantemos as seções “Missão”, com um estimulante texto sobre a prática missionária nas prisões, “Estudo Bíblico”, com um estudo a partir do Evangelho de João, e “Sermão”, este preparado pelo professor de Homilética da FaTeo, a partir da carta a Filemon.

Fechamos a revista com o texto vencedor do concurso promovido Centro Acadêmico John Wesley da FaTeo que estimulou entre os alunos reflexões voltadas para o tema “meio ambiente”.

Seja este número aquilo que Mosaico se propõe: um apoio à ação pastoral!

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 21, nº 52,
Janeiro/Julho de 2013

Publicação da Faculdade de Teologia
da Igreja Metodista/Universidade
Metodista de São Paulo (UMESP).

Universidade Metodista de
São Paulo - Reitor: Márcio de Mo-
raes

Faculdade de Teologia: Re-
itor/Diretor: Paulo Roberto Garcia
Vice-Reitor: Nicanor Lopes Diretor
Administrativo: Otoniel Luciano
Ribeiro

Editeo - Comissão Editorial
Blanches de Paula, Helmut Renders
(coordenador), José Carlos de
Souza, Magali do Nascimento
Cunha, Tércio Machado Siqueira

Editora de Mosaico: Magali do
Nascimento Cunha

Projeto gráfico: Luiz Carlos
Ramos; Edição e Arte final:
Marcos Brescovich; Capa: Marcos
Brescovich Edição e montagem de
imagens: Marcos Brescovich; Imagens:
sites: <http://3re.metodista.org.br>; www.metodista.br; www.corbis.com; www.sxc.hu; www.noticias.gospelmais.com.br. Assistente de
Produção: Fagner Pereira dos Santos
Tiragem deste número: 300 exemplares. Distribuição gratuita.

*
* * *
*

Mosaico Apoio Pastoral

Editeo



Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970



Fone: (011) 4366-5958



editeo@metodista.br

Editorial

Espiritualidade: o que é isso?

Hideide Brito Torres

Começo minha reflexão antecipando que definir espiritualidade é um desafio inconquistável. Muitos se debruçaram sobre o tema com muito mais pertinência do que minha experiência pessoal e o espaço deste artigo me permitem. Desta forma, o que intento é mapear alguns desses conceitos, ressaltar a amplitude do que a espiritualidade pode ser e motivar, de alguma forma, a nossa busca por uma experiência ao mesmo tempo individual e comunitária sobre este tópico. Isso dito, creio que nos liberamos para fruir deste texto mais como uma conversa sobre um assunto que a todos nós fascina e instiga.

Albert Nolan, um cristão sul-africano, disse: "na Bíblia, ter uma vida espiritual... é uma questão de estar sendo movido por um espírito qualquer, desde que seja ele espírito ou matéria. A vida espiritual é uma questão de estar sendo movido pelo Espírito de Deus... O oposto da carne não é o espírito em geral, mas o Espírito Santo... A vida espiritual é, então, o esforço constante e diário para assegurar que o espírito que nos move é o Espírito Santo de Deus

e não qualquer outro espírito".

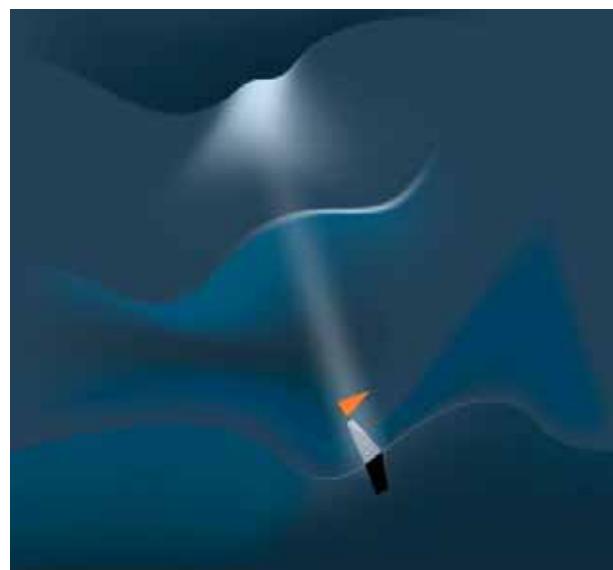
De fato, qualquer espiritualidade cristã que se preze não prescindirá do Espírito Santo como sua força motriz. Podemos assumir muitas formas distintas de viver isso, a prática dessa espirituali-

em seu livro, *Sacred Pathways* (Conexões Espirituais), que conseguiu identificar pelo menos nove modos distintos de exercício da espiritualidade cristã. Sua lista inclui a busca de Deus por meio dos rituais litúrgicos, por meio de retiros junto à

cado pela Editeo. Ali, ressaltamos algumas falas que provêm tanto das Escrituras quanto da própria experiência de John Wesley, unindo a piedade vital e a ciência, a leitura bíblica e a experiência, o sobrenatural e o natural... De fato, ali afirmamos que "a experiência pastoral e de vida que temos igualmente nos demonstra que as pessoas podem se achar a Deus, por meio do Espírito Santo, de modos tão diferentes e criativos quanto podemos imaginar e mesmo além deles. Não podemos abafar ou apagar a chama da intimidade com Deus simplesmente por não gostarmos da cor da lenha utilizada. Não podemos estabelecer uma única forma de exercer a espiritualidade".

Feito isso, percebemos que era possível refletir a partir daquilo que a espiritualidade provoca na vida pessoal e social, independentemente de ela se basear no aspecto mítico, racional, emocional, de observação da natureza, etc. Assim, listamos algumas possibilidades, que resgatamos aqui:

A espiritualidade bíblica promove mudanças interiores na vida da pessoa. Por mudanças interiores, enten-



dade pode encontrar os mais diversos formatos. Mas uma primeira dificuldade de entender a multiplicidade tanto da graça de Deus quanto das espiritualidades humanas reside no fato de que, ao falar de espiritualidade, estamos sempre tentando colocar o Espírito Santo em algumas das formas humanas.

Gary Tho-

mas descreveu,

Experimentar Deus

natureza, por meio do serviço solidário, por meio do ascetismo (completa separação do mundo), entre outras. Este autor procura trabalhar essas diferenças sem estabelecer nenhuma hierarquia ou superioridade de uma forma de ser em relação à outra.

Abordamos essa perspectiva em nosso livro

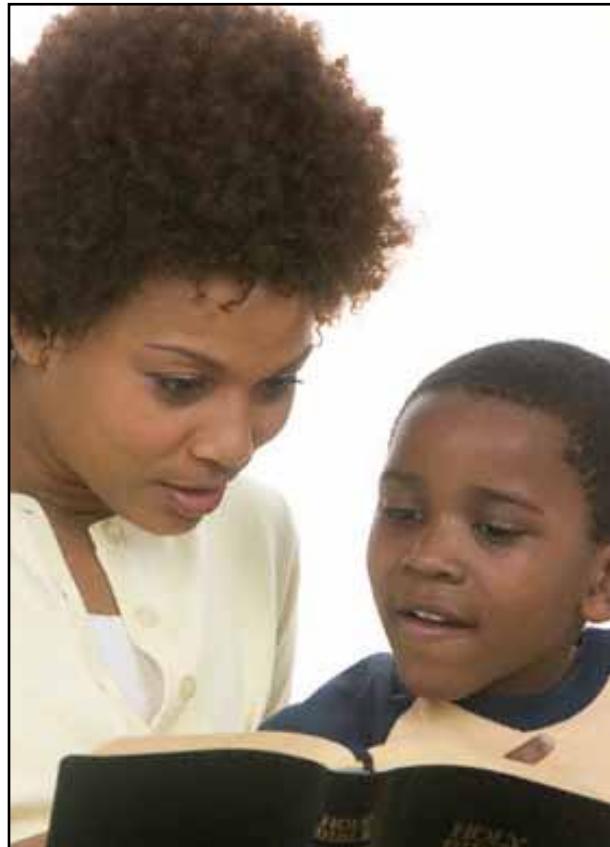
Espiritualidade do Cotidiano, publi-

demos as questões subjetivas de um ser humano: suas emoções, sua consciência, seus processos psíquicos, mentais. Por decorrência, a espiritualidade bíblica promove alegria, contentamento. Aqui contemplamos o aspecto da conversão pessoal a Deus e ao projeto do Seu reino.

A espiritualidade bíblica promove mudanças relacionais. Por mudanças relacionais, entendemos a interação do ser humano com o outro, o diferente de si mesmo, seja outro ser humano ou qualquer outro ser criado.

A espiritualidade bíblica promove mudanças sociais. Por mudanças sociais, entendemos as transformações que devem ocorrer na sociedade, a partir das suas estruturas e sistemas.

A espiritualidade bíblica promove força, vigor, dinamismo, ousadia frente aos desafios da vida. Jesus mesmo afirmou que a presença do Espírito Santo e sua atuação na vida dos discípulos e discípulas daria a eles e elas aptidão para falar frente a reis e tribunais, daria a ousadia necessária para pregar e levar a transformação e até mesmo lhes daria a capacidade de dar sua



Corbis-GBR001877

vida em favor dessa causa, como “testemunhas”. A espiritualidade bíblica não se acovarda diante dos desafios, mas os enfrenta, reflete sobre eles, propõe soluções e abre “caminhos nos desertos”.

A espiritualidade bíblica promove a fé e a esperança no porvir; cria no ser humano a expectativa da vida eterna, num Reino, governado por Deus, onde todas as desventuras passarão.

A experiência de John Wesley

O Dr. Steve Harper, no clássico “A vida devocional na tradição wesleyana”, destaca que a espiritualidade de John Wesley tinha algumas bases: o realismo, a disciplina, a amplitude, o sentido de co-

munidade, a dimensão da igreja. Essas dimensões lhe permitiam, pela ordem, ter uma correta visão de si mesmo (embora ele corresse o risco do pessimismo); a submissão das emoções à vontade (embora corresse o risco do legalismo); a possibilidade de ouvir, aprender e assumir para si valores de outros grupos, que lhe fossem significativos (embora fincasse seu ser na concepção de ser *homo unius libri*); a capacidade de partilhar com as outras pessoas, aprender com elas e ensiná-las e delas aprender; e a percepção do corpo de Cristo como um âmbito também institucional e reconhecido,

pelo qual a pessoa não está só, mas integrada.

Creio que tudo isso tem a ver com o que listamos acima. A espiritualidade tem a ver com tudo o que fazemos e não apenas as coisas relacionadas com a fé ou a religião. Henri Nouwen afirma isso: “Se eu não posso encontrar a Deus no meio do meu trabalho — onde as minhas preocupações, dores e alegrias estão — não faz sentido procurar encontrá-lo nas horas livres, na periferia da minha vida. Se a minha vida espiritual não pode crescer e aprofundar-se no meio do meu ministério, como poderá ela crescer nas margens?”

Ainda hoje, muita gente quer insistir na vida devocional nos modelos antigos, quando as pessoas tinham, aparentemente, mais tempo livre. Mas, como viver essa vida de intimidade com Deus em meio ao caos do trânsito, dos e-mails, dos compromissos, da cidade grande, do cuidado com Deus e com os filhos, etc?

Por isso, quando o movimento metodista afirma a unidade indissociável entre atos de piedade e obras de misericórdia, está afirmando a multiplicidade possível da espiritualidade humana,

**Experimentar
Deus**

conduzida ao seu máximo pelo mover do Espírito Santo de Deus. Dons espirituais, nessa acepção, são tão indispesáveis quanto o conhecimento dos melhores livros, do estudo sistemático, do conhecimento de Deus que se pode obter sob qualquer forma. A preocupação social tem tanta relevância quanto o jejum e a oração. A observação da natureza fala tanto quanto o culto mais bem preparado. A música atual tanto quanto a antiga podem inspirar, quebrantar e mover. Tradição e novidade se encontram, se intercambiam, se transmutam e permanecem. É uma espiritualidade, para dizer nos termos de hoje, "conectada"!

As bases persistem

Apesar de sua conectividade, de sua abrangência, de seu formato múltiplo, a espiritualidade cristã não prescinde de certas bases imutáveis e "imexíveis". Uma delas é a Bíblia – Harper, em seu livro, aborda de modo profundo e sensível toda a dimensão relacional de Wesley com a Bíblia. Toda espiritualidade sadia desenvolve-se em relação



corbis-manyhands

com a Bíblia. Lembrando Gary Thomas, os naturalistas, que procuram Deus por meio da criação, encontram nas palavras bíblicas o direcionamento de seu olhar: os céus que proclamam, as estrelas das quais Ele conhece o nome; as descrições de paraíso de Gênesis a Apocalipse, etc. Os racionalistas encontram todas as discussões teológicas de Paulo, seus discursos filosóficos, seus argumentos bem fundamentados, usando a mente para estar com Deus. Os ascetas, que necessitam do afastamento para estar com Deus, encontram na Bíblia as perfeitas descrições de eventos epifânicos no deserto, nas cavernas, na solidão da noite, sob as estrelas do

céu... Aqueles que valorizam as emoções se deparam com lágrimas, risos, dança, abraço, perdão, louvores... Quem precisa de rituais e os aprecia encontra as litanias dos salmos, as roupas lindas dos sacerdotes, os alimentos e seus significados, a Páscoa e suas mesas, perguntas e canções... Aqueles que encontram a Deus no encontro com o próximo, na ação social e política, encontram nos profetas seus ecos e modelos, nos reis segundo o coração de Deus, no povo que clama, nos pobres solidários, nas intervenções salvíficas de Moisés, Daniel, dos juízes e outros.

Enfim, a Bíblia mesma nos mostra este encontro

entre pessoal e privado, entre

**Experimentar
Deus**

individual e social, entre piedade e misericórdia é possível em quaisquer circunstâncias. Formas de culto, insisto sempre, não abarcam a dimensão da espiritualidade. Ela está na vida, mostrava Wesley, no ato de acordar e pregar um sermão, no ato de adormecer depois de uma oração, bem como no intervalo entre esses atos, no encontro cotidiano com as pessoas e com Deus... É uma vivência sempre, de acordo com nossos valores mais elevados, que vêm de dentro, de várias formas, mas sempre transborda para fora, para a comunidade e para o mundo, segundo nos ensina Wesley:

"Não há dúvida de que a raiz da religião jaz no coração, nos recônditos da alma; de que esta é a união da alma com Deus, a vida de Deus na alma do homem. Mas se esta raiz está realmente no coração, ela tem que brotar ramos (através de) exemplos de obediência externa".

Hideide Brito Torres é presbítera metodista da 4ª Região Eclesiástica (Estados de Minas Gerais – maior parte – e Espírito Santo) e mestre em Comunicação.

Experimentar Deus hoje com discernimento e sabedoria!

Suely Xavier dos Santos

Em tempos de uma espiritualidade de sensações e emoções, o tema *Experimentar Deus hoje com discernimento e sabedoria* é muito propício, pois nos leva a refletir sobre o que a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, nos diz a respeito desta questão. Nem sempre o que está na “moda”, tem amparo bíblico para o uso. Certamente o sentimento é parte constituinte do ser humano, mas este *não pode sobrepor* aos princípios de uma fé racional (Rm 12.1) que vivencia a espiritualidade do e no caminho. Desta forma, faz-se necessário voltar ao texto sagrado para podermos refletir sobre esta questão.

No Antigo Testamento não aparece a palavra *experiência*; temos nas palavras hebraicas *bin*, *da’at*, e *yada*; *conhecer*; os termos correlatos *a ela*. Segundo o “Dicionário Bíblico” de John L. Mackenzie, “o conhecimento é dinâmico, exprime-se e expande-se na ação (...). Conhecer alguém ou alguma coisa é cuidar dele ou dela, é provê-lo ou provê-la do necessário” (1983; p. 179). Quem sabe aqui temos pistas para iniciar uma reflexão sobre o tema *Experimentar Deus*. Para tanto,

vejamos o que as palavras e as tradições bíblicas no Antigo Testamento nos dizem sobre esta questão.

Experiência, sabedoria e discernimento

As palavras *experiência*, *sabedoria* e *discernimento* podem nos ajudar a iniciar o percurso para entender o

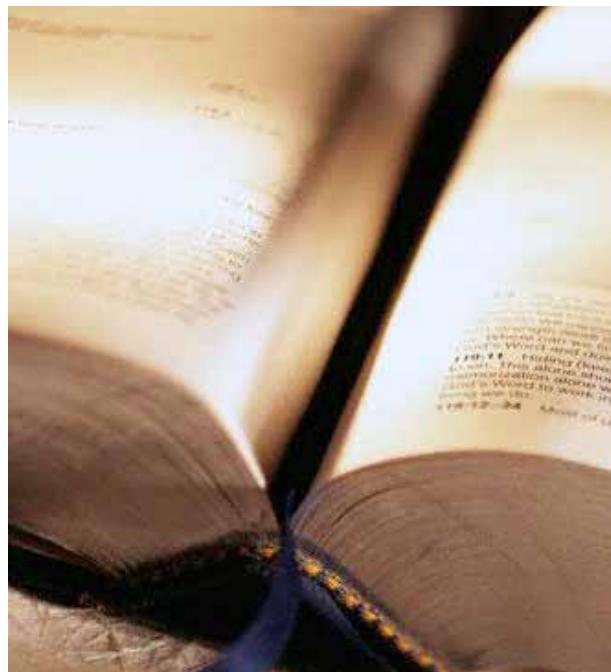
significado é o *conhecimento*. A respeito do conhecimento - *da’at*, trata-se de um substantivo feminino, muito usado na literatura sapiencial (Provérbios, Jó e Eclesiastes) e que vem da raiz *yada*; *conhecer*. Este conhecimento é “especialmente de natureza pessoal e experimental (Pv 24.5)”. Partindo da

que tem na relação o seu sentido maior.

Assim, experimentar uma vida com Deus deve gerar o convívio com Ele no caminho. Deve proporcionar uma vivência da espiritualidade relacional. Conhecer Deus deixa de ser um ato cognitivo apenas, passando a ser uma prática de compaixão, solidariedade, misericórdia e bondade junto ao semelhante. Uma expressão que aparece relacionado a este termo é “temor do Senhor” (Is 11.2; 58.2; Jr 22.16), ou seja, experimentar Deus requer responsabilidade com tal experiência e temor diante do conhecimento experimental adquirido.

Discernimento: trata-se de um sinônimo da palavra experiência, que no hebraico é *bin*. “discernir entre”. É um conhecimento além da reunião de dados; e sim a capacidade julgadora e perceptiva e pode ser demonstrada no uso do conhecimento; *discernimento* por *prudência*, *perspicácia*. Assim, o discernimento diz respeito a optar por, ter capacidade de julgar e discernir entre o que é o melhor (1Rs 3.9).

O *discernimento* faz-se necessário quando se tem a opção de escolha entre,



Cortesia: CB064071

significado da experiência com Deus. Para tanto, vejamos o significado destes termos a seguir.

Experiência: não há uma palavra específica para experiência no hebraico, como aludido acima, mas outro termo que a representa e expressa o seu

palavra hebraica conhecimento, *da’at*, que nem sempre quer dizer apenas um conhecimento cognitivo, que envolve o cérebro, teórico, porém, um conhecimento experimental, ou conhecimento prático, podemos obser-

var que se trata de uma palavra

Experimentar Deus

pelo menos, dois modos de pensar e/ou agir. É através desta capacidade que o ser humano pode direcionar a sua experiência com Deus, ou seja, verificar se o que ele está vivendo em termos de espiritualidade corresponde ao sentido bíblico do termo.

Outra palavra que se nos interessa neste estudo é *sabedoria*: a palavra hebraica para é *hokma*, pode ser traduzida por *inteligência, habilidade, tino*, e até mesmo como *técnica, jeito, experiência, conhecimento*. Vemos neste caso que a sabedoria também é tida como inteligência, uso da capacidade de raciocínio e discernimento com o uso da razão. É bom lembrar que o princípio de toda sabedoria está no temor do Senhor (Jó 28.28). Assim, ter uma habilidade e ser sábio não exclui também a responsabilidade com este atributo concedido pelo próprio Deus.

Experiência na tradição do Êxodo

Um dos relatos sobre a experiência do povo com Deus está na tradição do Êxodo. Nela temos o inicio de uma relação entre o Deus-povo. É no Êxodo que os hebreus descobrem o Deus pes-

soal, relacional e que está presente no caminho (Ex 40). Também é possível perceber que o conhecimento de Deus neste período faz com que o povo tenha discernimento e sabedoria sobre quando caminhar e quando parar na jornada para a terra prometida. Eles podiam discernir porque experimentaram Deus, e tem sabedoria porque a prática de caminhar com Deus os faz hábeis em suas decisões.

Outra questão a observar é que a experiência de outros povos com seu deus dava-se de maneira distante e (tomamos a liberdade de usar esta expressão), impessoal. O Deus dos hebreus se distingue deles quando se apresenta como um Deus presente através da nuvem e da coluna, e cuidador através do maná para subsistência do seu povo.

Além disso, podemos observar que nesta tradição, Javé se torna o Deus que deseja se relacionar com o povo e a resposta a esse desejo deve estar inserida no dinamismo da Aliança, a saber, Deus age e o povo responde através de uma vida que está na relação com Ele e com os semelhantes.

Experimentar Deus

Vale destacar que experimentar Deus neste período é também passar pelo deserto. Tempo de aflições, de privações, mas também de cuidado (Ex 13.17-18), do convívio e da experiência com Deus, no sentido de depender d'Ele.

Experiência na tradição de Jerusalém

Com a chegada do povo a Canaã, a passagem pelo tribalismo e, enfim a monarquia, muda-se o conceito de experiência com Deus. Se na tradição do êxodo Deus é o Deus do caminho, agora na monarquia Ele se torna “Deus do Templo”. Logo experimentar Deus traduz-se no exercício cíltico que nem sempre está em acordo com o caminhar com Ele. A teologia sacrificial tornou-se uma forma de experiência por meio do ritualismo e falta de compromisso com o próximo. Deus está no templo, mas não na vivência de cada um/a. Falta aos governantes e sacerdotes sabedoria e discernimento para verem que aquelas práticas não agradavam a Javé.

Neste sentido, a profecia

Corbis/RF/12



surge como aquele que denuncia a falta da experiência com Deus, de conhecimento de Deus, como se lê em Oséias 4.1-3; 6.1 e Miqueias 6.1-8. Nestes textos há uma proposta de superação do sacrificialismo para um culto que “ame a justiça,

pratique o direito e ande com o Senhor". Conhecer Deus implica em relacionar-se com o próximo com atos de justiça para a promoção do *xalom*.

No messianismo de Isaías, percebemos que *sabedoria e discernimento são atributos do Messias* (Is 11.2). Certamente, com o espírito de Javé sobre Ele haveria um tempo de paz para a comunidade que vivia tempos difíceis. O governante agora teria a capacidade de expressar que conhece a Deus através do uso da sabedoria e do discernimento para julgar a causa do pobre por temor ao Senhor (Is 11.3-4). Neste novo tempo, quando o ritualismo é superado, "a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Is 11.9b).

O salmista também condena a oferta de sacrifício e diz que se deve oferecer a "Deus sacrifício de ações de graças", ou ainda "os que me oferece sacrifício de ações de graças, esse me glorificará; e ao que prepara o seu caminho, dar-lhe-ei que veja a salvação" (Sl 50.14;23). Aqui há mais uma expressão que aponta para o fato de que uma espiritualidade que encontra o Deus do caminho, não faz parte de uma proposta ritualística ou de modismos com relação ao conhecer a Deus.

Assim, observa-se que o ritualismo e a institucionalização da experiência com Deus é uma forma de falta de conhecimento d'Ele. Conhecer implica em agir. Conhecer implica e experimentar na prática, e deixar ser conduzido por atos justos, com o uso da sabedoria e do discernimento. Conhecer Deus é demonstrar o temor para com esta experiência de fé.

Experiência na Bíblia e Hoje

Pensando sobre o termo "experiência" hoje, verifiquei que esta palavra, no Dicionário Etimológico, significa: "movimento fora de, em torno de algo ou alguém que gera uma ação ou resultado de ação, estado". Na filosofia há um movimento que se chama empirismo, e para eles "a sensação e a percepção dependem das coisas exteriores, isto é, são causados por estímulos externos que agem sobre o nosso sistema nervoso" (Marilena Chauí). Recorro à etimologia e à filosofia em torno da palavra experiência, pois estas influenciaram o nosso modo de pensar a respeito do tema. Por isso, vivemos em um tempo que a experiência tem mais a ver com o sentido moderno do termo, do que com o sentido bíblico.

Neste caso, podemos obser-

var que o sentido de experiência na Bíblia tem a ver, necessariamente, com discernimento e sabedoria. Além do mais, ela é tida como algo que forma-se dentro do ser humano e se expressa na vida. Segundo Isaías 11.2, o Messias teria sobre si o "espírito de sabedoria e discernimento", certamente para demonstrar ações justas e ponderadas diante das demandas de cada dia.

No Novo Testamento, a experiência com Deus, através de Jesus, ocorre também no caminho e na relação. O ministério de Jesus ocorreu sempre no caminho para... a caminho de... indo de caminho... e ainda: pregando e salvando de modo inclusivo, ou seja, todos são destinatários da mensagem salvífica. Portanto, também se trata de uma fé relacional.

Vivemos em um tempo em que o "sentir" é mais importante que o "pensar" no que se refere a fé. Talvez se o eunuco e Felipe vivessem hoje a pergunta não seria "entendes tu o que lês", e sim "sentes o que lês". Observando o significado da palavra experiência no sentido moderno, como algo que ocorre em torno de alguém e gera a mudança de estado, no sentido das emoções, é

preciso ter discernimento com

relação a estas experiências. O movimento de mudança deve ocorrer de dentro para fora e nem sempre é acompanhada de estereótipos de mudança. Trata-se de uma conversão verdadeira porque brota do ser humano é não é algo que está fora.

A experiência com Deus propõe mudanças de atitudes, especialmente nas relações, onde se concentra boa parte desta experiência. Logo, experimentar Deus nos sentido bíblico, é ter atitudes que demonstrem sabedoria e discernimento nas decisões do dia-a-dia. Experimentar Deus está para além da institucionalização de determinados modismos. Experimentar Deus está no uso do discernimento e da sabedoria por temor ao Senhor.

O metodismo histórico nos ajuda a compreender a experiência com Deus quando propõe uma religião que tem atos de piedade e obras de misericórdia. *Atos de piedade* para experimentar Deus com sabedoria, discernimento e temor; *obras de misericórdia* para expressar esta experiência com o próximo e no caminho para a perfeição cristã.

Suely Xavier dos Santos é presbítera metodista na 3ª Região Eclesiástica (Grande São Paulo, Vale do Paraíba Paulista e Baixada Santista), doutora em Ciências da Religião e professora da FaTeo, onde coordena o Curso de Teologia na Modalidade EAD.

Experimentar Deus

Experiência com Deus no Novo Testamento

Danielle Lucy Bosio Frederico

O mundo do Novo Testamento é repleto de experiências. Mas o que podemos definir como experiência no mundo greco-romano marcado por tantos movimentos, descobertas e transformações?

Se pudéssemos partir de Leonardo Boff diríamos que a "Experiência é um saber que tem sabor. Um saber que o homem foi conquistando com todo tipo de realidade viajando através da totalidade desta" (Dicionário de Espiritualidade, 2012). Ou poderíamos nos aproximar da conceituação do termo a partir do sentimento, isto é, a experiência como substância da alma é algo que se sente; sendo que este sentir vem constituído de toda uma força que move o indivíduo a uma ação. Ou por fim, dizer simplesmente, com Boff, que a "experiência cristã é a vida cristã em exercício".

O mundo do NT

No mundo do Novo Testamento a palavra "experiência" pode suscitar várias interpretações, pois olhamos para um mundo plural e em que conceitos estavam sendo

construídos a partir de uma sociedade helenizada repleta de simbolismos. A comunidade de fé inserida nesse mundo plural também estava em construção e buscando uma identidade que as definisse, dado que os prosélitos de variados cultos estavam se achegando às novas comunidades para as quais eles traziam suas variadas formas de perceber, cultuar e adorar a Deus. Estas experiências também podem ser identificadas como experiências extáticas, isto é, experiências que transcendem ao natural.

No mundo do Novo Testamento a experiência sempre foi caracterizada por um encontro: com a Comunidade, com a Palavra, com o Espírito ou com o próprio Cristo Ressurreto. Este encontro marca a pessoa de tal forma que ela é desafiada a ressignificar o mundo em que vive, sua forma de pensar e desenvolver suas relações interpessoais, sua espiritualidade, o mundo em que vive. Rosileny A. dos Santos falando sobre êxtase nos diz que: "em geral, o impacto do êxtase encaminha mudanças radicais de atitude, constrangendo

pessoas a alterarem seus comportamentos, mesmo quando percebido com estranheza pelas pessoas que convivem com quem teve tal experiência" (*Entre a Razão e o Êxtase. Experiência Religiosa e estados alterados de consciência*, 2004).

Podemos destacar também Pedro (Atos 2. 1-41), Estevão (Atos 6. 8-60), o Eunuco ao ser discipulado por Filipe na Palavra (Atos 8. 26-40), e, por fim, Saulo (Atos 9.1-20) que a partir da experiência do encontro com o



O Novo Testamento é repleto de exemplos de encontros que marcaram e mudaram a vida das pessoas tais como Maria Madalena (Lucas 8, 2), que se torna tão dedicada e envolvida com a obra que apenas por ser mulher é que não foi reconhecida como um dos apóstolos.

ressuscitado tem sua vida completamente impactada e ressignificada.

A experiência do apóstolo Paulo

O apóstolo Paulo tem sua vida transformada a partir da experiência no Caminho de Damasco. Essa experiência desencadeia e desafia este homem

**Experimentar
Deus**

a uma série de mudanças, as quais ressignificam valores, visão, concepções pré-estabelecidas do mundo greco-romano. Essa mudança também é estendida em forma de desafio as comunidades de fé do mundo mediterrâneo do primeiro século.

É importante lembrar que o Mundo do Novo Testamento embasava-se em certas convenções que construíam e davam significado à sociedade do mundo mediterrâneo e indicavam o status social de uma pessoa ou grupo. Essas convenções foram construídas sob uma estrutura piramidal denominada patronagem, que possuía como característica principal a busca pela honra. Basicamente, a maioria das pessoas naquele mundo, em qualquer nível de status social que se encontrassem, desejava fazer o quanto pudesse para obter louvor e honra para si. Essas mesmas pessoas estavam igualmente decididas a evitar ou ao menos minimizar a repreensão e a vergonha. Todas as ações da vida, as decisões que tomavam, os objetivos a que aspiravam, tudo passava pelo filtro da honra-vergonha e do louvor-repreensão. E uni-



Corbis/CB064098

versalmente esse filtro era instalado assiduamente para aumentar a honra e diminuir a vergonha. Honra e vergonha estavam à disposição em todo encontro humano, desde o mais público até o mais íntimo e privado.

Esse fato gerou uma sociedade voltada para a competição social e a valorização através do recebimento de honrarias, elogios, presentes, jantares e tantos outros atos que elevassem a estima e trouxessem honra social a uma pessoa, a começar pelas autoridades instituídas, as quais ofereciam o culto ao Imperador e à família real e também a construção de monumentos, por exemplo. Essas homenagens tinham como finalidade o recebimento de benefícios os mais variados. As honras eram dadas sempre a alguém de destaque – pa-

tronou ou cliente, a pessoa que oferecia passava a receber proteção, poder e favores que construiriam um relacionamento de dependência constante.

A honra era o bem mais valioso no mundo mediterrâneo do século primeiro. Qualquer ofensa que trouxesse desonra poderia marcar de modo negativo uma pessoa, família ou grupo para sempre. A desonra traria descredito, humilhação, mudança de status social e vergonha pública, dificilmente ascenderia de volta ao status, sendo quase impossível resgatar a honra. Assim, qualquer fato desconfortável ou novo, que causasse desequilíbrio era ignorado, distorcido ou punido; a fim de que os pressupostos estabelecidos não fossem perturbados.

O apóstolo Paulo inserido

neste contexto sociocultural do mundo mediterrâneo ressignifica o que era ser honrado, quando indica que devemos nos gloriar apenas em Cristo, pois Ele é que nos traz honra. A honra, portanto, passa a ser uma pessoa que vive em nós e não a quantidade de bens ou posição social a qual pertence ou se alcança. Todos na comunidade de fé passam a ser reconhecidos como iguais como irmãos/ãs que têm em Cristo seu Patrono e/ou dono; os quais, portanto estão sob o mesmo senhorio.

Estas novas concepções levam a comunidade a se reconhecer como fraca, sem méritos e merecimentos – completamente dependente de Jesus. Nesse sentido, a força não deveria ser estabelecida a partir das virtudes, status social, favores ou grupos a que se pertencesse, mas a Deus que em Cristo transformou e/ou ressignificou o que é ser forte.

O significado da cruz

Talvez estas afirmações não sejam novidades para nós hoje, cristãos e cristãs do século XXI, mas para aqueles/a/s do século I eram bastante desafia-

Experimentar Deus

doras e completamente inovadoras. Afinal, embasando estas novas propostas, Paulo apresenta como Salvador alguém que havia sido executado através da crucificação, o que causa estranheza e desconfiança aos ouvintes da época. A morte por crucificação era vista como um escândalo insuportável para a religiosidade judaica e uma necessidade ridícula para o helenismo. De acordo com Senen Vidal:

A crucificação era considerada no mundo helenista como a execução mais infame e vil. Pois era imposta somente as pessoas mais depreciadas, não havendo uma norma e/ou regras a seguir, estando inteiramente ao bem querer dos executores, poderia implicar em um espetáculo público especialmente desonroso e ademais não havia, no início, o direito sagrado a sepultura. O proclamar um ressuscitado como um messias era de fato uma autêntica loucura, a qual chocava frontalmente contra a sensibilidade cultural e religiosa helenista da honra e da dignidade. (...) O judaísmo compartilhava dessa mesma valorização do helenismo sobre a crucificação, bem como era

considerada como uma execução estrangeira. Era lógico, então, que a proclamação cristã sobre o Messias crucificado soava abertamente escandalosa (*Iniciación a Pablo*, 2008).

O apóstolo propõe a ressignificação do conceito de vergonha e honra perante a comunidade ao centralizar a morte e ressurreição de Jesus como fundamento da fé. Ele transforma vergonha pública em honra. A crucificação era a extrema sanção romana; nada era mais vergonhoso. Em comparação, o exílio era menos gravoso; também o ser renegado por sua família ou polis (cidade). A aceitação entusiasta da cruz por parte de Paulo (com sua infalível conexão com a ressurreição) precisava de uma crítica fundamental da vergonha culturalmente associada a ela. Naquilo que quase pode ser considerado uma provocação, Paulo declara que não se envergonha do evangelho centrado na cruz, aquele objeto extremo de desgraça social. Nesse sentido, Paulo sinaliza a crucificação como um completo esvaziamento dos conceitos e valores prezados na época, frente a uma

proposta radical de um novo conceito de honra e vergonha ali inaugurada.

A cruz é a chave para se entender a realidade na nova era escatológica de Deus. Consequentemente, entrar no mundo simbólico do evangelho é passar por uma conversão da imaginação, é ver todos os valores transformados pela louca e fraca morte de Jesus na cruz. A cruz, sinal de extrema vergonha no mundo Greco-romano, torna-se símbolo central dos que crêem. Robert Jewett diz:

A visão paulina da honra, revisionista e totalmente estranha, pode ser exposta desta forma contracultural: a honra que conta vem de Deus, não dos outros nem de nós mesmos. Para Paulo, o cristão ideal, descrito para seus próprios fins em Romanos como alguém cuja circuncisão é interior e uma coisa do coração, recebe seu louvor “não de homens, mas de Deus. (“Paulo, a Vergonha e a Honra”. In: SAMPLE, J. Paul. *Paulo no Mundo Greco-Romano: um compêndio*. 2008)

Por fim...

O apóstolo faz parte da sociedade mediterrânea, mas propõe algo muito além dela. Os fracos poderiam tornar-se

fortes se assim procedessem e

poderiam ter uma vida honrada a partir do momento em que os valores do Cristo e da cruz ressignificassem as suas vidas e cosmovisão, como fizeram com o apóstolo.

Tudo isso a partir da experiência do encontro com o ressurreto no caminho de Damasco. De fato a “experiência cristã é a vida cristã em exercício” envolvida em radicalidade e desafios práticos que nos levam a viver uma espiritualidade centrada na cruz e nos valores do reino de Deus.

Esta postura e/ou concepção faz com que os cristãos e cristãs do mundo mediterrâneo do século I fossem constantemente desafiados a uma prática que por vezes causava estranheza mas sinalizava a presença dos ensinamentos de Jesus, os quais transformavam por completo a vida daqueles/as que criam e se deixavam moldar e direcionar pelo Espírito. Enfim, uma experiência que trazia um novo sabor a vida!

Danielle Lucy Bosio Frederico é presbítera metodista da 1ª Região Eclesiástica (Estado do Rio de Janeiro), mestre em Ciências da Religião e professora da FaTeo na área de Bíblia.

**Experimentar
Deus**

“Provai, e vede que o SENHOR é bom”

A riqueza da experiência religiosa como alimento em nossos caminhos

Helmut Renders

Procuramos experiências religiosas porque buscamos Deus. Não queremos simplesmente ter experiências, gostamos de saber que experimentamos Deus. Isso vale para todas as épocas.

autentica pela imitação de Cristo, e pelo fruto do Espírito, pela justiça, pela misericórdia, por se perceber como pacificador que experimentamos Deus em nossas vidas.

Ao longo dos séculos acumularam-se assim perspectivas diferentes. Em igrejas mais antigas, elas convivem lado ao lado – ou precisariam, no mínimo, já que sua memória é composta por pessoas mais diferentes. Já em movimentos religiosos a tendência é favorecer certo tipo de experimentar e conhecer Deus.

O mundo medieval e o ideal da experiência religiosa como união mística

O mundo medieval era considerado um mundo imutável. Parte dele criou hierarquias fixas, isto é, toda ordem encontrada era considerada sagrada. Experiências religiosas especiais eram vistas como raros presentes de Deus cedidos a um grupo muito seletivo, mulheres e homens dedicando suas vidas inteiras à religião. Por diversos tipos de exercícios, em geral, jejum, orações e leituras, procurava-se alcançar

a união com Deus ou Cristo, chamada a “união mística”.

A união mística não focava na transformação do mundo – um mundo imutável não se transforma – mas na busca da presença de Deus através da sua contemplação. O alvo era se sentir completamente nos braços de Deus, às vezes, acompanhado por um êxtase, às vezes, num silêncio profundamente pacífico.

Este modelo entrou em crise ao redor de 1350. Os leigos e as leigas da igreja não se encontraram na proposta da “união mística”. Eles precisavam levar a sua vida adiante e trabalhar para o seu sustento. Eles precisavam de uma piedade para o seu cotidiano. Surgiu a chamada “devoção moderna” cujo ideal Thomas Kempis descreveu como “Imitação de Cristo”. Podemos chamar isso “se experimentar junto a Deus no mundo”.

Diferente da contemplação, a imitação não promovia mais unicamente o ideal de uma experiência no interior da pessoa. Imaginava-se agora que experimentar

Deus envolveria sempre experi-

ências com o próximo. Daí começou-se a referir também a obras de misericórdia e obras de piedade: a movimentação do ser humano em busca de Deus e a movimentação do ser humano em serviço ao próximo com palavras e ações. Ou como Francisco de Assis disse na época: “Somos os braços e as pernas de Cristo”.

O mundo moderno e o ideal da experiência religiosa como certeza da fé

O que começou com a devoção moderna, a Reforma completou. Agora o mundo era considerado uma grande obra em construção, construído pelos seres humanos, inicialmente ainda mediante a graça de Deus. O foco era agora o discernimento e o comportamento. A consciência era considerada a voz de Deus, saber e discernir sua presença nas vidas de mulheres e homens.

E a experiência emotiva? Lutero desconfiava dela como demasiadamente subjetiva e pouco confiável. Ele disse: “A minha experiência me diz que sou um maldito pecador”. Em vez da experiê-



Entretanto, em épocas distintas, variaram as expectativas do que poderia ser considerada uma experiência religiosa autêntica, enfim, o que deve ser buscado. Alguns disseram: contemple e procure a “união mística”, a “transverberação do coração”, a “segunda bênção” e o “batismo no Espírito Santo”. Outros disseram: a experiência de Deus se

**Experimentar
Deus**

cia emotiva, focava-se na fé como “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (*sola fides*). Em busca de fundamentos objetivos dessa fé, voltava-se às suas fontes: estudou-se como nunca antes a Bíblia nas linguagens originais (*sola scriptura*). Os espaços físicos equivalentes procuravam centrar as pessoas na palavra: os espaços dos prédios protestantes providenciariam e provocariam experiências mais racionais, focadas na palavra, no ouvir e no fazer.

Logo depois, porém, o movimento pietista retomou esta questão. Cresceu uma compreensão mais positiva do ser humano. Espalhou-se a convicção que o ser humano não fosse somente um pecador incurável, mas, poderia crescer e amadurecer, inclusive na sua forma de fazer experiências e da sua compreensão de Deus. Começou-se falar da possibilidade de profundas transformações do ser humano.

Na mesma época apropriou-se também a reforma católica do tema. Em Loyola, João da Cruz e Teresa de Ávila a ideia da experiência de Deus continuava se inspirar no ideal da união mística, e focava no impacto emocional. “Comover para mover” era o projeto. Procurava-se estimular os sentidos.

Foram construídas igrejas cheias de formas, movimentos, cores e cheiros. Organizava-se a vida pelo ritmo das festas religiosas, com退iros espirituais, com exercícios. As igrejas do barroco e do rococó eram espaços perfeitos para este programa. Promoveram experiências mais emotivas e marcaram a segunda fase da época colonial no Brasil. Idealizava-se a união mística e a transverberação do coração como modelos extáticos da experiência religiosa. Alguns católicos porém, como Blaise Pascal, articularam seu desconforto com o racionalismo protestante, sem favorecer o misticismo medieval. Pascal disse, “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

O mundo pós-moderno e o ideal da experiência religiosa como sentimento extático

Ao longo do século 20 concluía-se que a época da razão – a modernidade – representava grandes avanços com muitos efeitos colaterais. Se até o fim da época medieval, diante da visão de um mundo imutável, se esperava tudo de Deus e pouco do ser humano, estamos no fim da modernidade

percebendo que o ser humano sem Deus não fez o melhor na construção do mundo. Estamos em crise. Ainda bem no início da percepção dessa crise, apareceu o pentecostalismo.

Apesar de, em geral, se apresentar em uma oposição clara ao catolicismo, o pentecostalismo promovia uma proposta não tão distante dele: ambos idealizavam o êxtase religioso como “a” experiência religiosa mais autêntica de Deus, e mais transformadora; no caso católico desde a época colonial até o I Vaticano.

O pentecostalismo não falava da “união mística”, mas, do “batismo no Espírito Santo” e compreendeu-a de tal modo como regra da fé que se entendia que sem ela fosse até impossível servir Deus e com ela nada seria mais impossível. Ambas experiências religiosas são consideradas de caráter imediato oferecendo uma transformação instantânea e plena, porém a segunda se dirige a todo povo.

Para onde ir daqui? Experimentar e deixar experimentar

Assim entramos no século 21 como igreja composta por pessoas com experiências distin-

tas. Observamos que para alguns, a autenticação da sua experiência religiosa passa pelo êxtase. Para outras, experimentar Deus passa pelo fruto do Espírito na sua vida, pela justiça, pela misericórdia, pelo amor, pela paz, como dom de Deus e tarefa humana. Ambos são chamados para formar um só corpo e manter a unidade da fé pelo vínculo da paz. Esta paz não se garante pela uniformização da experiência religiosa – investir em um só tipo – ou pela sua guetorização – cada um no seu canto.

E isso não é um dos legados do próprio John Wesley? Em resposta a uma palavra de Lutero anotou: “**Senti que meu coração ardia** de maneira estranha. **Senti que**, em verdade, **eu confiava somente em Cristo** para a salvação e que uma certeza me foi dada de que Ele havia tirado meus pecados”. Depois apreendeu com pietistas alemães, puritanos ingleses, anglicanos, anglo-católicos, católicos (por exemplo, Blaise Pascal), ortodoxos e quakers. Talvez dissesse hoje não somente “Pensar e deixar pensar”, mas, também: “Experimente e deixe experimentar”.

Helmut Renders é presbítero metodista da 3ª Região Eclesiástica (Grande São Paulo, Vale do Paraíba Paulista e Baixada Santista), doutor em Ciências da Religião e professor da FaTeo onde coordena o Centro de Estudos Wesleyanos.

Experimentar Deus

Uma fervorosa inteligência: sobre a experiência religiosa em Wesley

Levy Bastos

Experiência refletida: marca metodista

Pode-se dizer, com relativo acerto, que o Metodismo histórico tem sido marcado por uma forte ênfase na experiência. Isso significa dizer que o movimento renovador da religiosidade anglicana do século XVIII foi muito mais do que pura preocupação com veracidade doutrinal. Os metodistas sempre se autocompreenderam como vocacionados por Deus para propagar uma espiritualidade pautada por uma segurança que engloba a vida da pessoa humana em sua totalidade, seus sentimentos e sua razão.

A experiência religiosa tem muitas faces. Assim também é a capacidade do gênero humano de compreender e expressar suas experiências. A rica variedade com que Deus criou os seres humanos, se reflete em Sua pluridimensional maneira de agir no espírito dos mesmos (1Co. 12.4-7). Isto significa que as experiências do espírito humano com Deus não podem ser iguais para todas as pessoas, especialmente quanto à sua forma de ma-

nifestação. Toda autêntica experiência com Deus deve levar ao compromisso com Sua vontade.

Para os metodistas da primeira geração não poderia haver ação autêntica do Espírito de Deus na vida humana sem que esta

tir para Deus e o próximo, dar-se aos outros em serviço solidário e fraternal, viver responsavelmente."

Experiência e razão

A razão foi reconhecida por Wesley como uma

redundar em fanatismo, assim como razão sem experiência poderá traduzir-se em abstracionismo estéril incapaz, portanto, de interpelar existencialmente a pessoa humana. Tanto John Wesley como o metodismo primitivo souberam aglutinar de maneira equilibrada a experiência com Deus e a razão. Pode-se dizer que esta tenha sido uma das mais ricas contribuições do metodismo à família cristã.

A salvação cristã, no entendimento de Wesley, deveria traduzir-se também num ato de conhecimento experiencial. A graça de Deus já não deveria mais ser mediada pelo conhecimento correto ou pelos benefícios sacramentais, mas experimentada de forma consciente. Esta compreensão criou condições ideais para que John Wesley resgatasse o princípio da segurança, ou do "testemunho do Espírito". Para ele "a segurança é a confiança no perdão e na finalidade de Deus, obtida por meio do testemunho direto e indireto do Espírito e cujo resultado é uma sensação de paz em relação à própria aceitação por parte de Deus."



Corbis RF4472389

mesma ação se desdobra-se em frutos de amor e de justiça na vida e no mundo, pois "... viver segundo o Espírito é assumir os propósitos de Deus, renunciar à existência auto-suficiente e egocêntrica, exis-

fonte teológica de caráter imprescindível sempre que, todavia, estivesse conectada com a experiência religiosa cristã, ambas se complementando, interagindo frutiferamente. Experiência sem razão pode

Experimentar Deus

No desenvolvimento da doutrina do testemunho direto do Espírito, Wesley esteve sob crítica maciça de anglicanos prominentes, o que o levou a desenvolver a idéia do testemunho indireto, o qual deveria se somar e dar plenitude ao primeiro. Isto ele o fez redigindo dois sermões (ambos com o título "O Testemunho do Espírito"). No primeiro deles Wesley vai afirmar que: "O testemunho do Espírito é uma impressão íntima feita sobre a alma, pela qual o Espírito de Deus diretamente testifica a meu espírito que sou filho de Deus; que Jesus me amou e deu-se a si mesmo por mim; e que os meus pecados são cancelados, e eu, sim, eu, sou reconciliado com Deus."

O autêntico testemunho do Espírito agracia o fiel de forma tão decisiva que o permite vivenciar o arrependimento, a transformação de vida, a alegria no Senhor e um desejo intenso de fazer a vontade de Deus. Todavia, Wesley ressalta que o critério determinante para o juízo do verdadeiro testemunho do Espírito são os frutos do Espírito, os quais ele divide em dois grupos, a saber: os "frutos imedia-

tos" (amor, alegria, paz, coração misericordioso, humildade de espírito, mansidão, doçura e longanimidade) e "frutos exteriores" (fazer o bem a todos os homens, não fazer o mal a ninguém e andar na luz, guardando uma obediência zelosa e uniforme de todos os mandamentos de Deus). Numa de suas afirmações mais lapidares Wesley afirmará "... que ninguém tenha a presunção de descansar em qualquer suposto testemunho do Espírito, separado dos frutos que dele decorrem. (...) ... ninguém descanse em pretensos frutos do Espírito, sem o testemunho".

Experiência religiosa e espiritualidade equilibrada

Para uma adequada compreensão do sentido que John Wesley deu à espiritualidade é conveniente que se faça, todavia, uma distinção anterior entre experiência, sentimento e emoções. As emoções são manifestações psicológicas frequentemente presentes nos avivamentos. Para Wesley as mesmas variam de pessoa para pessoa, sendo também

Experimentar Deus

quanto à sua importância. Já os sentimentos seriam sensações trazidas pelos sentidos espirituais ao coração. Da mesma forma em que para o filósofo John Locke a experiência é a combinação de sentimentos e interpretação, para Wesley a experiência não seria sentimento apenas, mas a combinação de sentimentos e a interpretação dos mesmos. O sentimento advém das impressões percebidas pelos sentidos espirituais. A razão recebe essas impressões, reflete sobre elas emitindo a reação dos sentidos. O resultado deste processo é a experiência religiosa. Não há, desta forma, nenhuma experiência religiosa sem uma correspondente estrutura interpretativa.

A teologia da experiência wesleyana pode ser mais bem conhecida na reação de John Wesley aos entusiastas (fanáticos) de seu tempo. A primeira geração de crentes metodistas recebeu um sem-número de acusações e críticas. Os metodistas foram, por exemplo, acusados de serem calvinistas, uma vez que enfatizavam "excessivamente" a graça de Deus e a não necessidade

de de boas obras para alcançar-se

a salvação. Imediatamente relacionado a isto está imputação de antinomianismo a John Wesley devido ao fato de este ter pregado a justificação

Corbis-CBRO02057



somente pela fé. A crítica mais comum, todavia, foi a de que o Metodismo se trataria de um movimento contaminado pelo

entusiasmo, palavra hoje melhor traduzida por “fanatismo”. Vale ressaltar que a palavra entusiasmo não faz hoje justiça ao termo *enthusiasm* recorrentemente utilizado na Ilhas britânicas do século XVIII. O mais acertado seria, traduzi-la por **fanatismo**, seu equivalente semântico mais próximo.

A acusação de fanatismo açambarcava todas as demais, visto que nela estava implícita não somente os excessos religiosos, mas também qualquer possibilidade de subversão social. O sentido que a expressão tinha nos tempos de Wesley (e assim foi utilizado por seus detratores) era da reivindicação, seja de uma pessoa ou de um grupo religioso, de possuir uma revelação extraordinária ou um poder especial dado pelo Espírito Santo. De forma mais genérica e abusiva, o termo queria significar excitamento religioso.

Nesta acepção é que o Bispo Butler se utilizou da palavra quando de suas críticas ao movimento metodista. Na base destas acusações encontra-se o pressuposto dominante em sua época, segundo o qual os fenômenos espirituais de que falam as Escrituras Sagradas esta-

riam circunscritos àquela época (período apostólico). Não se deve perder de vista neste contexto a compreensão dos deístas, segundo a qual, Deus, uma vez tendo criado o mundo e os seres humanos, não interviria na história. Daí a caricatura deísta para Deus de relojoeiro. No entendimento do Bispo anglicano Lavington, a explicação mais plausível para os fatos que se deram no interior das Comunidades metodistas, como as estranhas convulsões e visões, tinha fundo psicofisiológico (de equilíbrio mental!).

Wesley, ele próprio acusado de ser um “entusiasta demente”, argumentou em resposta, afirmando que a experiência pessoal com Deus não segue uma uniformidade quando de suas expressões externas. Haveria, no seu entender,

... uma variabilidade irrecconciliável nas operações do Espírito Santo nas almas dos homens. [...] muitos o encontram derramando-se sobre eles como uma torrente. [...], mas Ele opera em outros de maneira muito diferente. Ele exerce a Sua influência de maneira delicada, refrescante como o orvalho silencioso. (BURTNER, R./CHILES, R. *Coletânea da Teologia de John Wesley*).

Experimentar Deus

Este relato epistolar retrata a forma afetuosa com que Wesley responde ao questionamento de uma metodista da primeira geração pela forma rica mente variada com que o Espírito do Deus trino atua na vida das pessoas. A despeito disso, Wesley guardava relativa suspeição ante os fenômenos que se deram no interior das comunidades metodistas. Ele procurava conciliar de forma harmônica o júbilo com o juízo, o sentimento com a inteligência, o arrebatamento do entusiasmo com o governo da razão. Para estar habilitado a exercer julgamento equilibrado sobre o que se passava ao seu redor, tomava nota em seu diário de todos os incidentes ocorridos nas reuniões metodistas. Sua defesa tomava por base a convicção de que a verdadeira prova da conversão não são as manifestações físicas, mas sim a mudança que se opera na vida da pessoa.

Este era um tipo de discurso pastoral mais voltado para dentro dos grupos metodistas. Para o público em geral, argumentava que boa parte das críticas feitas aos metodistas era típica de quem

não tinha tido ainda a oportunidade de ver seus sentidos espirituais despertados por Deus, sem os quais seria impossível entender a ação divina na história e na vida da Igreja.

É na experiência religiosa que os conceitos se tornam realidade efetiva. Toda autêntica experiência com Deus deve levar ao compromisso com Deus e Sua vontade, isso significa que, independentemente da variedade da mesma, a relevância da mesma será firmada na medida em que, estando fundada nas Escrituras Sagradas, como sua referência normativa determinante, produza amor genuíno por Deus e pelos seres humanos (*Cf. 1 Jo. 4,7-12*).

Levy Bastos é presbítero metodista da 1ª Região Eclesiástica (Estado do Rio de Janeiro), doutor em Teologia e coordenador do Curso de Teologia do Centro Universitário Metodista Bennett.

Para aprofundar o tema, veja as obras-base deste texto:
 RACK, H. D. *Reasonable enthusiast*.
 CAMARGO, G. B. *Gênio e espírito do metodismo wesleyano*.
 BURTNER, R./CHILES, R. *Coletânea da Teologia de John Wesley*.
 Williams, C. *La teología de Juan Wesley*.

Experiência com Deus no pentecostalismo

Luana Martins Golin

Gosto de estudar o significado das palavras em sua etimologia. Entretanto, fico incomodada com o significado da palavra teologia, em grego, *Theos* = Deus e *Logia* = estudo. Como alguém poderia estudar Deus? Será que Deus é apreensível à razão humana? Deus pode ser objeto de estudo, como algo a ser analisado, empiricamente, num laboratório? A palavra teologia, portanto, me parece pretensiosa ao propor um estudo sobre Deus. Deus estaria em uma categoria *além* da categoria humana, o que comumente chamamos de transcendência. Os humanos habitam o mundo real, da história, do cotidiano, da imanência. Então, qual a relação possível entre nós, seres humanos, e Deus?

Para experimentar Deus é necessário partir de algo que vai além da via racional e adentrar no âmbito da fé. Razão e fé não são opostas, mas de grandezas e categorias distintas. Portanto, para experimentar Deus é preciso ter um encontro com este ser transcidente. Experimentar Deus nos afeta, nos toca, nos move, nos converte. Estamos no campo do

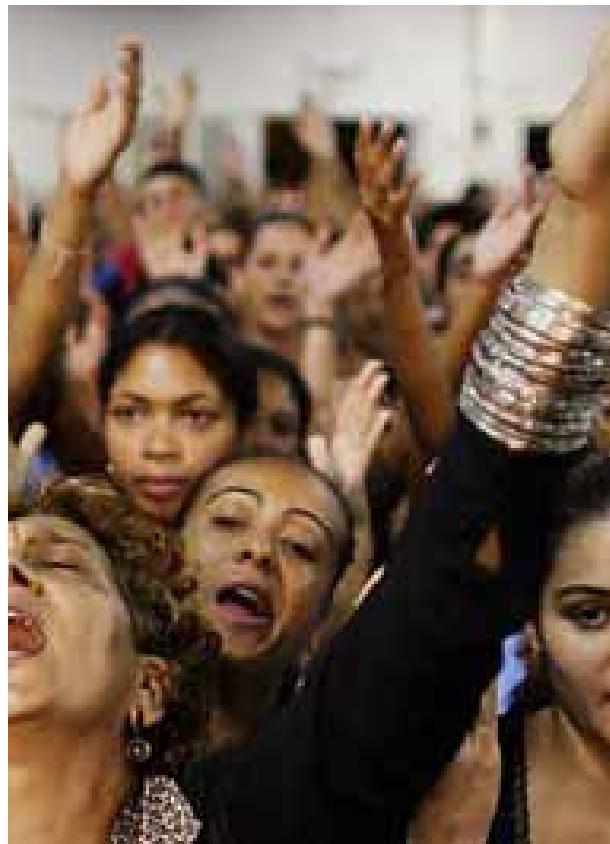
sagrado, do mistério, da Revelação. Para os cristãos/as, Jesus Cristo é a figura central que nos liga a Deus. Acreditamos que Deus se humanizou, se fez carne e habitou entre nós. Assim, em Cristo Jesus, a Transcendência se fez Imanência.

aos seus filhos/as. Em Cristo, Deus se torna humano para que os seres humanos possam participar de sua natureza divina.

O apóstolo Paulo, poeticamente, nos diz sobre isso em Filipenses 2.6-8: “(...) *pois Ele, subsistindo em*

tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”. Em 2 Pedro 1.4 também lemos que somos co-participantes da natureza divina.

A teologia ocidental, seja no âmbito católico romano ou no protestantismo, ao longo dos tempos, mostrou-se muito racional. Deus tornou-se um objeto de estudo apreensível ao intelecto. Tratados e tratados de teologias dogmáticas e sistemáticas buscavam definir Deus e discorrer sobre seus atributos e características. Nesta busca, parece que Deus, de fato, tornou-se um objeto, distante, muitas vezes, de quem O analisava. O teólogo/a, tornou-se um mero pesquisador/a. Neste aspecto, a teologia oriental, da tradição cristã ortodoxa, tentou mostrar os limites da nossa racionalidade ocidental ao propor uma teologia que partisse, não da dedução e da análise, mas da experiência. O teólogo só estaria apto a falar daquilo que conheceu e experimentou. Fala-se de Deus não por conceitos e definições, mas por experiência. A própria linguagem e as palavras não dão conta de descrever o encontro com o Transcendente, com o



www.noticias.gospelplus.com.br/pentecostal

Deus assumiu nossas categorias humanas e permitiu que tivéssemos um encontro com Ele. O mistério da Encarnação é algo encantador, pois revela o amor e a graça de Deus

forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou,

**Experimentar
Deus**

Outro, com o Mistério, com Deus. Muitas vezes, o que resta é o silêncio e a contemplação. Este encontro místico é a marca da teologia oriental. Nesta perspectiva, é preciso que o cristão/ã deixa de ser aquele/a que fala sobre Deus e se deixe tornar aquele/a por meio do/a qual Deus fala.

A experiência de Deus na narrativa bíblica

Como alguns personagens bíblicos experimentaram Deus? Alguns episódios da Bíblia nos mostra o encontro de pessoas comuns com Deus. Lembremos de Moisés, no monte Horebe, diante da sarça ardente que não se consumia. Ali, ele ouviu a voz de Deus e tomou conhecimento de sua missão como libertador de Israel. Com a ajuda do Deus dos escravos e, por intermédio de Moisés e Arão, o povo deixou a escravidão no Egito e partiu rumo à liberdade. O encontro com o “EU SOU” mudou a história de Moisés e do povo hebreu para sempre (Êxodo 3). A experiência do encontro com O Outro teve o poder de transformar a vida e o rumo do povo hebreu.

Quando Deus se revela, algo acontece.

Tomemos o exemplo de Jó, símbolo do sofrimento humano. Após muitos questionamentos, Deus responde a Jó, no meio de um redemoinho (Jó 38.1-6): “Depois disto, o Senhor, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó: Quem é este que es-

das, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular (...). A poesia destes versos nos revela a soberania do Criador e a insuficiência humana ao tentar entender os desígnios de Deus. Mesmo sem compreender o motivo de

que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia. Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás. **Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem.**

Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza”. Jó tinha um conhecimento conceitual de seu Criador, após o encontro, seu conhecimento passou a ser experiencial.

Junto ao poço, a mulher samaritana também teve uma experiência que marcou a sua vida (João 4.25-26): “Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas. Disse-lhe Jesus: **Eu o sou, eu que falo contigo**”. O Messias esperado estava junto dela. Que encontro surpreendente!

Estes e outros exemplos apontam para a trajetória de um Deus que se relaciona e se revela. A presença constante de Deus no meio de seu povo é uma promessa. O próprio Cristo, ao retornar ao Pai, deixou-nos o Espírito Santo Consolador: “E eu



Corbis-CB064055

curce os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medi-

seu sofrimento, Jó *ouviu* a voz de seu Deus. No encontro, no diálogo entre Jó e Deus, novamente, algo aconteceu (Jó 42.1-6): “Então, respondeu Jó ao Senhor: Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.

Quem é aquele, como disseste,

Experimentar Deus

rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que **esteja para sempre convosco**" (Jo 14.16); "Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, **esse dará testemunho de mim**" (Jo 15.26).

Para os pentecostais, o Espírito Santo de Deus ou a terceira pessoa da trindade possui um papel de destaque na vida das comunidades e na sua teologia. A ênfase no Espírito Santo ressalta o aspecto trinitário de Deus (João 3.8): "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.". É o Espírito, assim como o vento, que direciona seu povo com línguas, com dons, com visões e profecias. "Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um **vento impetuoso**, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram **cheios do Espírito San-**

to e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. (At 2.1-4).

O profeta Joel anunciou: " (...) derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões" (Joel 2.28); "Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo" (I Co 12.4). É o Espírito quem conduz ao arrependimento e habita seus filhos/as: "Não sabéis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Co 3.16). Em 2 Co 3.17, lemos: "Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade". Aqui, o Espírito Santo conduz à liberdade. Esta maneira de vivenciar Deus, pela ação do Espírito Santo, revela uma experiência de fé pentecostal.

Um testemunho

Assim como muitos personagens bíblicos, eu também tive a oportunidade de experimentar Deus. Aos quatorze anos de idade, em plena adolescência, eu experimentei a conversão, em uma igreja cristã

de tradição pentecostal. A partir daquele momento, conheci e acrediiei na voz de Deus. Este encontro pessoal com O Outro, como disse acima, me afetou, me transformou, me redirecionou. O encontro com o Criador me deu sentido de existência, de vida, de fé. Algo que até então não podia ver e entender, foi-me revelado e descoberto. Sensações e sentimentos variáveis tomaram conta de mim. Senti-me acolhida pelo Pai, como na parábola do filho pródigo. Ao mesmo tempo, sentia-me tomada por um temor, por algo que estava além de mim e do meu controle, algo que não podia resistir. Eu ainda não sabia que este encontro mudaria minha vida e minha trajetória. Mas mudou... O Deus Emanuel, o Deus conosco sempre presente, deseja se relacionar. Foi então que eu passei a caminhar na presença DEle.

Aos dezenove anos, iniciei minha graduação em teologia. Aos vinte e três anos estava formada. Em seguida, iniciei meus estudos de pós-graduação, primeiro o mestrado e atualmente, meu doutorado

está em curso.

Foi no estudo teológico que busquei respostas para muitas indagações e questionamentos. Algumas das minhas questões foram respondidas, outras, refletidas e ampliadas, outras, ainda, estão sem respostas (e sem previsão de tê-las!). No estudo, também pude encontrar e experimentar Deus, não sem dúvidas e angústias. Ao estudar a beleza e a arte da narrativa bíblica, descobri também o valor e a arte literária de um grande escritor russo, Dostoiévski, que me ensinou muito sobre Deus, sobre a fé, a razão, a dúvida, sobre Cristo.

A intenção deste artigo foi mostrar como é possível experimentar Deus, partindo do pressuposto que só podemos conhecer a Deus por Revelação e Graça. Em seguida, alguns personagens bíblicos foram tomados como exemplo de pessoas afeitas pelo divino. Por fim, procurei destacar o papel e a centralidade do Espírito Santo na tradição pentecostal e minha experiência de fé e encontro com este Deus.

Luana Martins Golin é cristã de tradição pentecostal, ex-aluna da FaTeo e doutoranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo.

**Experimentar
Deus**

Prisões: um espaço de missão integral

Edvandro Machado Cavalcante

A Pastoral Carcerária e demais pastorais que cuidam de temas específicos como terceira idade, racismo, menores infratores, etc, são importantes e necessários espaços, dada a pertinência e especificidade dos temas que

com todos independentes de raça ou outra suposta diferença, como coletivas, ao denunciar as estruturas econômicas e sociais que oprimem e negam direitos tidos como fundamentais a vida humana a todo o conjunto da sociedade.

As pastorais específicas, as igrejas locais e outros espaços de serviço (como os da educação teológica) são dimensões da mesma Igreja que se complementam e devem sempre dialogar e se apoiar mutuamente (somos todos corpo de Cristo). Esta experiência temos vivido durante estes 13 anos que coordenamos a Pastoral Carcerária na 1ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista. O melhor exemplo disso é a Sociedade de Mulheres que durante anos tem sido uma grande parceira, arrecadando uma grande quantidade de doações de material de higiene pessoal. As igrejas locais também estão presentes neste ministério de serviço, seja enviando evangelistas ou arrecadando donativos de sabonete, absorventes entre outros materiais de higiene pessoal para uma população tão necessitada como os que estão no cárcere.

Missão



abordam, onde a Igreja exerce seus dons e talentos em serviço amoroso ao mundo. São o bom aroma de Cristo manifestando a homens e mulheres que uma nova ordem se implantou na história, nos convidando a mudanças tanto individuais, ao despertar-nos para o amor e o convívio fraterno para

Quem é o preso?

A primeira pergunta que fiz, ao iniciar esta atividade no ano de 2000 foi: quem é o preso? Este que seria objeto da evangelização da Igreja. A resposta que obtive tem orientado o trabalho da Pastoral Carcerária na região desde então.

O preso é aquele que atentou contra um bem tutelado (guardado) por uma norma penal (a vida, o patrimônio) sendo assim privado de sua liberdade. Olhando somente sob esta perspectiva diríamos que o preso é aquele que nos vitima (ao conjunto da sociedade).

Entretanto responder a esta pergunta de forma tão simplista seria pecar contra a verdade. As estatísticas penais demonstram que a prisão não se dá sobre todos de forma igualitária, mas é seletiva atingindo principalmente aos jovens (até 24 anos), com nível escolar fundamental incompleto, e esta seletividade se dá até no quesito referente a cor da pele (negros e pardos predominantemente).

Em um mundo globalizado e sem trabalho para todos a prisão passa a ter a função de criminali-

zar a miséria (fenômeno mundial). Se compararmos as estatísticas penais as de mortes de jovens e adolescentes no Brasil veremos que este fenômeno salta aos olhos com maior clareza.

A probabilidade de ser vítima não é a mesma para toda a população. Rapazes têm 11,91 vezes mais risco do que moças; negros, 2,6 vezes mais risco do que brancos. A faixa etária com maior incidência de assassinatos vai dos 19 a 24 anos.

A conclusão clara que advém dos fatos, para sabermos como tratamos a juventude e a pobreza, é que, ao lado dos discursos oficiais, nós matamos os nossos jovens pobres (ou permitimos que sejam mortos), e criminalizamos a pobreza. Desta forma concluímos que o preso também é vítima. Vítima de um modelo econômico excluente que criminaliza a miséria.

Um desafio para além do senso comum

Dada a gravidade dos fatos relativos à morte de nossos jovens e adolescentes, nos perguntamos: por que estas mortes não despertam grandes como-

ções em meio à opinião pública? A resposta lógica é: porque as vítimas são rapazes pobres, negros e da periferia.

Ao responder a pergunta sobre quem é aquele que seria objeto de nossa evangelização, definimos que a nossa atuação no cárcere deve ser o do anúncio da Graça, do amor e aceitação incondicional de Deus em Cristo por nós, não importando em que estado estivermos ou o que tenhamos feito, e na denúncia das condições de encarceramento que não propiciem oportunidades da integração deste indivíduo à sociedade ao sair do cárcere, como também da função perversa que assume ao tratar a miséria como crime.

Sendo assim estamos no cárcere anunciando o amor e reconciliação de Deus conosco em Cristo Jesus e participamos, como Igreja, na luta por condições dignas de encarceramento através do Conselho da Comunidade da Comarca do Rio de Janeiro, órgão previsto na lei de Execução penal e que tem como uma de suas atribuições a fiscalização das condições de encarceramento. Compomos este órgão juntamente com ou-

troz grupos da sociedade civil, pois entendemos ser fundamental “somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida” (Plano para a Vida e Missão da Igreja. Colégio Episcopal da Igreja Metodista, Biblioteca Vida e Missão, Documentos, n. 1, p.17). Os Conselhos da Comunidade são uma das poucas formas de controle por parte da sociedade do cumprimento da pena.

O Metodismo e a teologia Wesleyana é uma rica fonte que ilumina a nossa prática e atuação junto aos presos. Wesley, ao contrário de outros reformadores, entendia que a “imagem e semelhança de Deus”, mesmo após o pecado original, nunca foi perdida no ser humano (Burtner, R. W. e Chiles, R. E., Coletânea da teologia de Wesley), ela está “gravada em nossa alma por obra do Deus Onipotente” (Stokes, Mack B. As crenças fundamentais dos metodistas). Isso confere valor e respeito ao ser humano não importa em que estado esteja.

Mesmo no Metodismo primitivo, em Oxford, a evangelização carcerária era uma das prioridades de John

Wesley. Em dezembro de 1730 (antes, portanto, da experiência do coração aquecido em Aldersgate), Wesley e seu grupo incluía em suas atividades visitas semanais à prisão do castelo e à prisão municipal de Bocardo (Heitzenrater, Richard P. Wesley e o povo chamado metodista).

Segundo as estatísticas penais, os presos que trabalham ou estudam são minoria (de 10 a 20 por cento) e quase todos saem das prisões sem nenhuma qualificação profissional. Na tentativa de ajudar a suprir esta necessidade criamos, em parceria com o Instituto Central do Povo (Instituição de Ação Social da Igreja Metodista que atua desde 1906 na Comunidade da Providência – Rio de Janeiro), o “projeto esperança” composto por um curso de informática no presídio feminino Oscar Stevenson. Este ano credenciamos mais duas ou três equipes de evangelistas e implantaremos mais um curso de informática em uma unidade prisional masculina.

Deus, na Sua misericórdia, escolhe pessoas com tantas limitações como nós para atuarmos em sua

obra. Entretanto esta escolha não é uma violência divina, pois pressupõem a decisão consciente, o dizer “sim, envia-me a mim”. Se esta for a nossa resposta a este chamado



Divino, certamente os frutos virão. A Deus toda a glória.

Edvandro Machado Cavalcante é presbítero metodista na 1ª Região Eclesiástica (Estado do Rio de Janeiro), secretário executivo de Ação Social e coordenador da Pastoral Carcerária na Região.

Missão

Por uma comunidade que enxerga para além da visão!

A propósito de João 20.26-29

Andreia Fernandes de Oliveira

Esse é um texto muito conhecido e difundido, sua força vai para além dos púlpitos das igrejas e das aulas de escola dominical. Quem já não ouviu o dito popular: “Ele/a é igual a Tomé, tem que ver para crer”. Antes do episódio relatado em João 20.26-29 três importantes cenas acontecem e são de-

e seu lado que havia sido ferido por uma lança (João 19.34), sopra sobre ela o Espírito Santo e a envia.

A terceira cena é o encontro dessa comunidade com o discípulo Tomé. Os discípulos o encontram e dizem o que viram e viveram. Tomé duvida e expressa a sua necessidade de ver e tocar nas marcas deixadas pelos cravos e pela lança.

João 20.26-29 fala do segundo encontro de Jesus com a comunidade. Dessa vez, Tomé estava presente. Jesus e Tomé são os principais personagens do texto, o diálogo entre os dois, o clímax da história. No entanto, a ponte para que isso acontecesse foi a comunidade de discípulos e discípulas.

Esse estudo se propõe a mirar esta comunidade e encontrar nela inspiração para a nossa vivência comunitária.

Uma comunidade que sempre se reúne...

Discípulas e discípulos estavam amedrontados, afinal o projeto sonhado parecia ter dado errado. Havia medo, tensões,

portas trancadas, mas por conta ou a despeito disso, a Igreja se reunia (João 20.19). Foi em meio a essa reunião que o Senhor os orientou, os animou e os enviou (João 20.21-23).

Em tempos quando a igreja vem às nossas casas por meio de uma infinidade de programas evangélicos, onde as relações se tornam cada vez mais superficiais e, por isso, mais vulneráveis ao fracasso; em tempos quando achamos ser “perda de tempo” conviver com pessoas que pensam diferente de nós, a comunidade joanina nos desafia a investirmos tempo e disposição para a vivência comunitária. Nossa tradição metodista também a isso nos inspira:

“A comunidade é uma das dimensões mais importantes da Igreja e da fé. Somos chamados por Deus a viver comunitariamente a fé. Na comunidade há diversidade no ver, no ser e no agir, porém no amor, temos nossa base comum”. (Colégio Episcopal da Igreja Metodista, Igreja: Comunidade a serviço do povo, 1991)

O exercício e o fortalecimento da espiritualida-

de acontecem não só em momentos piedosos e individuais com Deus. Somos chamados/as a viver a espiritualidade numa dimensão comunitária. O Deus que é comunidade, Pai, Filho e Espírito Santo nos orienta sobre isso: “Todos os que creram **estavam** juntos e tinham tudo em comum” Atos 2.44

Uma comunidade que anuncia...

Parte da experiência comunitária de fé que os discípulos/as vivenciam, diz respeito ao envio. Jesus sopra o Espírito Santo e os envia a pregar a Boa Nova. Tomé, o discípulo, foi alcançado por conta desse envio.

É preciso anunciar para quem está dentro. Uma comunidade que caminha em unidade e se preocupa com quem está por perto, percebe que há pessoas com medos e angústias e, que assim como Tomé, precisam de uma experiência mais concreta com Deus.

Os discípulos anunciam a Tomé o que tinham visto (João 20.25). O que Jesus mostrou ao grupo? “E, dizendo-lhes isto, lhes

Corbis-4224579684

terminantes para entender o texto em destaque.

Jesus ressurreto está em tempo de reencontrar seus discípulos e discípulas. Primeiro, aparece a Maria Madalena (João 20.15-18); em seguida a uma comunidade reunida a portas trancadas (João 20.19-23). Neste episódio, Jesus coloca-se no centro da comunidade, a saúda, a anima, mostra suas mãos



Estudo
Bíblico

mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se os discípulos ao verem o Senhor". O anúncio se deu a partir da experiência que tiveram com Cristo.

Somos nós que anunciamos a boa nova a partir das nossas experiências de fé, outras vezes, em meio às dores e dúvidas, seremos alcançados/as por essa boa nova.

Uma comunidade que acolhe, que integra...

Em meio a um grupo embevecido de alegria pela recente experiência com o Cristo Ressurreto (v. 22), havia alguém que não estava assim: Tomé. Por não estar presente na primeira reunião (João 20.19-23), não vivenciou esta experiência. Ele se encontrava em outro momento, e, nessa comunidade, expôs sua fragilidade: "Mas ele respondeu: se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (João 20.25b). Isto é: Eu preciso ver para crer! Eu preciso tocar!

O que fez a comunidade? "Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles." (João 20.26). Tomé, com dúvidas e fragilidades, encontrara espaço nesta

comunidade para expô-las e, após isso acontecer, sentiu-se confortável para ali permanecer. Ele não estava apenas **entre** eles/as, mas **com** eles/as.

A experiência da comunidade em ver, antes de Tomé, o Cristo Ressurreto com suas marcas nas mãos e no lado, não se transformou em muros, mas em ponte. Nossas experiências com Deus não podem cerrar portas, excluir pessoas, ao contrário, elas devem nos motivar a sermos acolhedores/as!

Algumas palavras do mundo corporativo têm assumido um espaço de destaque entre nós, estão presentes em muitos dos nossos discursos. Uma delas é a palavra visão. Visão, no mundo dos negócios, é o que norteia, dá a direção desejada à empresa, o caminho que se pretende percorrer na obtenção dos lucros desejados. Assim, quem está fora da visão torna-se um empecilho, não pode continuar no projeto.

Em algumas comunidades, afirmativas como "tem que estar na visão", "esta pessoa está fora da visão", têm proliferado. O que é feito com quem está "fora da visão"? Não ao contrário do que acontece nas empresas, na Igreja pessoas também são "excluídas" na vivência co-

munitária e no exercício ministerial.

Há que se recorrer para outro tipo de visão, a que tem a ver com o sentido, com a sensibilidade. É preciso ver quem necessita ser acolhido/a e perceber as pessoas que estão entre a comunidade, promover espaço e ações para que todas sintam-se parte.

Diante das inquietações de Tomé, Jesus poderia ter se encontrado apenas com Ele, mas escolhe a comunidade reunida (João 8.26) como espaço para pastoreá-lo e educá-lo. É neste espaço que acontece a transformação de Dídimos (João 20.24).

Senhor meu, Deus meu...

O texto não nos dá informações sobre o que fez Tomé em relação à proposta de Jesus de tocar em suas marcas. Se ele tocou ou não, não há relevância. A riqueza desta experiência está no pastoreio de Jesus, que entende a necessidade de Tomé e a ela responde. Está também na confissão de Tomé: "Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu." (João 20.28)

Ao invés de Mestre, como os discípulos e discípulas costumeiramente o chamavam, Tomé o reconhece como o Cristo Ressur-

reto. Cristo é o Senhor, o Divino, o que de fato venceu a morte (Isaias 25.8-9).

"A confissão de Tomé é a única confissão da divindade de Jesus que sai da boca de um discípulo no Evangelho de João (...) Com a confissão de Tomé, João alcança o ponto mais alto de seus relatos sobre a história da Páscoa. Maria Madalena e os "onze" discípulos testemunharam que viram, mas Tomé vai além e confessa a Sua divindade" (MANSK, Erlí, NETO, Rodolfo Gaede. *2º Domingo da Páscoa*. In: HOEFELMANN, Werner. *Proclamar a Libertaçāo: auxílios para o anúncio do evangelho*).

A igreja acolhedora é o espaço preferencial de pastoreio, educação e transformação. A comunidade que se reúne, anuncia, integra e acolhe é formada por pessoas como nós, isto é, com fragilidades, habilidades e criatividade. Deus enxerga-nos como pessoas que precisam ser cuidadas, mas também como cuidadoras, instrumentos para manifestação da Sua Graça e Amor. Que Deus nos abençoe e nos ajude a assim sermos!

Andreia Fernandes de Oliveira é presbítera metodista da 1ª Região Eclesiástica, mestre em Educação e coordenadora do Departamento Nacional de Escola Dominical da Igreja Metodista.

Estudo Bíblico

Cartas, algemas e promissórias

Reflexões sobre a liberdade e a libertação a partir da carta de Paulo a Filemom

Luiz Carlos Ramos

No dia 13 de maio de 1888, diz-se que foi abolida a escravatura, pelo menos a oficial, legalizada pelo Estado e abençoada pela Igreja. Essa data é analisada da seguinte maneira pelo historiador Alfredo Bosi:

“o treze de maio não é uma data apenas entre outras, número neutro, notação cronológica. É o momento crucial de um processo que avança em duas direções. Para fora: [porque] o homem negro é expulso de um Brasil moderno, cosmético, europeizado. Para dentro: [porque] o mesmo homem negro [é] tangido para os porões do capitalismo nacional, sórdido, brutesco. O senhor liberta-se do escravo [grifo meu] e traz ao seu domínio o assalariado, migrante ou não. (...) Não se decretava oficialmente o exílio do ex-cative, mas passaria a vivê-lo como estigma na cor da sua pele. Entre as consequências dos séculos de escravidão no Brasil desenvolveu-se um quadro de exclusão dos negros. No Brasil um branco recebe mensalmente, em média, o dobro do negro.”

Justamente pelo fato de que essa libertação foi antes a do senhor do que a do escravo, é que os negros brasileiros se recusam a comemorar esta data. Como sabemos, e anualmente concelebramos, a data festejada pelos negros é a do Dia da

Consciência Negra, aos 20 de novembro, relembrando o martírio de Zumbi dos Palmares, assassinado no ano de 1695. Mas esta é uma outra história.

A história de libertação, que inspira nossa reflexão, está registrada no texto bíblico que acabamos de ler (Epístola de Paulo a Filemon) e que também trata da escravidão. Não da escravidão dos negros, como a do Brasil, mas daquela que, de certa forma, todos estamos passíveis de experimentar (então, como agora, alguém se tornava escravo por causa da guerra, por causa de dívida, ou por causa da sorte/azar de ter nascido escravo).

O texto é, na verdade, uma carta que se inscreve no contexto escravagista do primeiro século da era cristã – é a única carta pessoal de Paulo que foi preservada até nossos dias. Epístolas como essa não eram incomuns. A diferença é que tais cartas geralmente pediam para que se perdoasse o escravo e que este fosse restaurado à sua “muito digna” condição serviçal. Por isso, quanto ao objetivo, a carta a Filemom é absolutamente inédita, inusitada (pois

não pede que o escravo seja restituído à sua condição de escravo).

(A palavra empregada pelo autor para designar “escravo” é *doulos*, que significa aquele que está amarrado/ligado/algemado/acerrentado a seu senhor – note-se que no verso 13, Paulo usa, em contrapartida, o verbo *diakoneo*, para se referir a um outro tipo de serviço, o do Evangelho.)

A fuga de escravos não chegava a ser rara. Refugiavam-se, com freqüência em cidades grandes, como Roma, na esperança de poderem permanecer desapercebidos no meio da multidão, e, os deuses ajudando, ou pelo menos não atrapalhando, podiam tentar ganhar a vida “honestamente”. Nem sempre isso era possível e, às vezes, para matar a fome, antes que fossem mortos por ela, acabavam praticando pequenos furtos.

Por esses pequenos delitos, com freqüência, tais escravos eram presos e, quando identificados como escravos fugitivos, eram devolvidos a seus senhores. Escravos fugitivos, quando recapturados eram severamente punidos (daí

a origem do gesto litúrgico da ora-

ção: subjugado, manietado, o escravo recebia de joelhos a sentença e o castigo).

É nesse contexto que se inscreve a comovente Epístola a Filemom. Como toda carta que se preze, esta também tem um remetente, um portador e um destinatário. Personagens que, quando melhor conhecidos, muito podem nos ensinar. Vejamos o que descobrimos a respeito deles, começando pelo...

... Destinatário: Filemom

Descobrimos que Filemom era querido e amado por Paulo e considerado seu colaborador (*agapeto, synergo* – v. 1). Que vivia provavelmente com a irmã Áfia e o esposo dela, Arquipo, em Colossos (v. 2) – outra versão interpreta que Filemom é que era casado com Áfia e que Arquipo era filho do casal. A carta diz que Filemom era amável e amoroso e que possuía notável fé (*agapen kai ten pistin* – v. 5).

Somos informados ainda de que sua casa se constituía num oásis, uma sinagoga/igreja (*ekklesia* – v. 2), para os cristãos de Colossos. E que por seu intermédio o coração dos santos era freqüentemente

Sermão

SXC.hu/128035_5979

reanimado, confortado e alegrado (v. 7).

Podemos perceber que Filemom possuía algumas propriedades: uma casa, que virara igreja (v. 2); pelo menos um escravo, que fugira (vv. 10,11,15); e alguns bens (dentre eles os que teriam sido roubados pelo escravo fugitivo).

E, por último, ficamos sabendo que recebe de Paulo um pedido, no mínimo estranho, inusitado: transformar um escravo em um irmão.

Vejamos, agora, o que podemos descobrir a respeito do...

... Portador: Onésimo

Que era de Colosso descobrimos lendo a Epístola aos Colossenses ("voçoso conterrâneo" – cf. Cl 4.9). E a carta a Filemom deixa claro que Onésimo é o tal escravo fugitivo (v. 10), isto é, uma das propriedades perdidas de Filemom. Insinua que antes de fugir não tinha boa fama, antes, era considerado um inútil (*achreston/euchreston* – v. 11).

Podemos deduzir que era um escravo um tanto rebelde e ousado, pois tinha o péssimo costume de sonhar com a liberdade e de não se deixar



chamar de "inútil" – essas coisas impróprias que alguns escravos insistem em cometer –, por isso resolve fugir (v. 15), toma "emprestados" a Filemom alguns objetos de valor e, talvez, mais algumas moedas e parte para a cidade grande (cf. v 19).

Também deduzimos que Onésimo era um tanto azarado, pois, ao que tudo indica, acabou sendo preso em Roma (v. 10) – talvez por reincidir na prática de aliviar os cidadãos do incômodo peso de suas moedas.

Entretanto, Onésimo não deixava de ser sortudo, pois foi parar justamente numa prisão onde pôde ter contato com o apóstolo Paulo (v. 10). Sabemos que, por intermédio de Paulo, Onésimo conhe-

ce o Evangelho (v 10) e a possibilidade de uma liberdade infinitamente superior, a qual jamais sonhara poder existir.

Ao que tudo indica, há de tornar-se, mais tarde, importante líder religioso. Há quem diga que teria se tornado Bispo de Éfeso (citado por Santo Inácio de Antioquia, † 107).

Sabemos, porém, que, além da Boa Nova de libertação do Evangelho, recebe de Paulo, para seu azar (de novo!), a temível incumbência de servir de carteiro, levando uma mensagem justamente para o senhor de quem fugira levando algumas lembrancinhas e a grande e infeliz lembrança de que Filemom o considerava um inútil (v. 17).

Agora é preciso que

nos detenhamos, por alguns instantes, reven-
do as informações que temos a respeito daque-
le que faz esse pedidos tão estranhos, tanto para Filemom quanto para Onésimo, o...

... Remetente: Paulo

Sabemos que, nessa ocasião, Paulo estava preso em Roma, por contingência (*desmios*=prisioneiro), mas que era embaixador por vocação (*presbytes* – v. 9) e que, mesmo preso, era um inveterado e compulsivo remetente de epístolas.

Por seu ministério – e por suas cartas – muitos haviam sido gerados na fé, inclusive Filemom, o escravagista, e Onésimo, nosso azarado/sortudo escravo (v. 19 e 9, respec-
tivamente).

Seus textos mostram que Paulo é alguém que estabelece forte vínculo afetivo com as pessoas que evangeliza (vv. 1,2,23,24). Não se contenta em dar o recado: insiste em comun-
gar de corpo e alma.

Temos de reconhecer que, ao evangelizar, Paulo tinha o mérito de não fazer acepção de pessoas: considera cada um "irmão caríssimo" quer fosse se-
nhor; quer fosse escravo

Sermão

(v. 16); quer fosse homem, quer fosse mulher; quer fosse da casa grande de Filemon, quer fosse da Senzala de Onésimo.

E mais, Paulo reconhece o potencial das pessoas. Leiamos: “Ele [Onésimo], antes te foi inútil; atualmente, porém, é útil, a ti e a mim” (v. 11) e “eu queria conservá-lo comigo mesmo para, em teu lugar, me servir nas algemas que carrego por causa do evangelho” (v. 13). (Note-se o trocadilho com o significado do nome “Onésimo” = “util”).

Como homem do seu tempo, Paulo respeita as praxes e convenções sociais: “nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento” (v. 14). Não chega a ser explicitamente abolicionista... Mas acha que sempre é possível melhorar as praxes e convenções: neste caso, acha que Filemom deve considerar Onésimo não como mero escravo, mas “antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (16) – o que, convenhamos, não era pouca coisa para sua época.

Essa esperança de que o mundo pode ser melhor, de que as relações podem ser mais fraternas, de que as distâncias sociais e econômicas podem ser encurtadas, fez com que

Paulo tivesse sido absolutamente solidário para com Onésimo. Por isso, não pôde permanecer indiferente, e passa a interceder junto a Filemom em favor do “filho gerado entre algemas”, certo de que Filemom poderá fazer muito mais do que o solicitado (v. 21): O perdão da dívida? A alforria? A autorização para que Onésimo voltasse para trabalhar com Paulo?

Finalmente, sabemos que Paulo não dá tarefas difíceis somente para os outros. A tarefa que atribui a si próprio é ainda mais árdua: assina uma promissória em benefício de um escravo inútil, fujão e ladrão (v. 19). Paulo empenha sua honra e seus bens na luta pela queda das barreiras sociais, culturais e econômicas. Barreiras essas que insistem em fazer de homens, como Filemom, escravos de um sistema que escraviza e segregá; ou que reduzem homens, como Onésimo, a fugitivos do medo e ladrões da ilusão. Sim, Paulo empenha sua honra, seus bens e a própria liberdade para que as pessoas deixem de se tratar como senhores e escravos, e passem a se tratar como “irmãos caríssimos” (*adelphon agapeton*).

Sermão

Concluo com algumas...

... Considerações pastorais

De Filemom, aprendemos que o fato de existirem cristãos exemplares, amorosos, cooperadores do Evangelho e possuidores de notável fé, não é garantia de uma comunidade que não escravize ou segregue; aprendemos que a santificação é um processo contínuo, que exige conversão constante, rumo à libertação plena. É preciso mais do que abrir as portas de casa para a Igreja, é preciso abrirmos as portas da Igreja para a Senzala.

De Onésimo aprendemos que resistir às cadeias, nos rebelarmos contra a opressão e, eventualmente, fugirmos da escravidão, não nos garante a conquista da liberdade – há uma liberdade superior que é preciso ser conquistada para que deixemos de ser fugitivos e inúteis: porque ser livres *para* é muito mais do que estarmos livres *de*. Estou certo de que Onésimo se sentiu infinitamente mais livre quando experimentou a liberdade *para* enfrentar seu passado do que

quanto, fugindo, pensava estar se livrando *do* seu passado.

E de Paulo aprendemos que as cadeias não podem ser desculpa para o conformismo e não são justificativa que nos impeçam de tomarmos iniciativa na construção da sociedade fraternal.

Então, irmãos e irmãs, estaremos dispostos a empenhar a nossa honra, os nossos bens e a nossa própria liberdade para que, entre nós, não haja mais senhores e escravos; e para que haja, antes, uma e única família humana formada de irmãs e irmãos caríssimos e livres, livres...?

Assim Deus nos ajude!

Luiz Carlos Ramos é presbítero metodista da 5ª Região Eclesiástica (Interior de São Paulo, parte de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Tocantins), doutor em Ciências da Religião e professor da FaTeo. Sermão pregado pela primeira vez na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, em momento de culto que enfatizou a data da Abolição da Escravidão no Brasil.

NATUREZA E HUMANIDADE: PERFEITA CRIAÇÃO

Hugo Gonçalves de Freitas

Este texto é de autoria do estudante da FaTeo Hugo Gonçalves de Freitas, metodista, cursando o 3º. ano (5º. semestre). O texto foi vencedor do concurso de redação com o tema Terra e Humanidade ameaçadas – Desafios ao Cristianismo, promovido pelo Centro Acadêmico John Wesley (CAJW), com apoio dos Programas de Formação e de Extensão da FaTeo. Participaram 19 redações, que foram corrigidas por uma comissão de professores da FaTeo e convidado. Os avaliadores receberam as redações identificadas apenas por números, para garantir total isenção no processo de avaliação.

A Bíblia está repleta do brilho da criação de Deus. Já se inicia com os maravilhosos relatos da forma assombrosa pela qual o criador agiu. Em princípio tudo era sem forma e vazio e não fosse o olhar criativo e o desejo criador de Deus tudo permaneceria assim. Não obstante, o Espírito pairava sobre os caos e como a ave se assenta sobre seus ovos, ele aquecia a terra, preparando-a para o tempo em que o haja de Deus ressoaria sobre todo o vazio e organizaria a vida, trazendo do nada o todo da criação, enfileirando átomos, moléculas, unindo ímpares, formando pares, enfim criando.

A Terra se embeleza das cores vivas do céu e dos mares. O verde das matas contrasta com o barro vermelho da terra que ainda sentia a umidade subindo pelos caules das flores que coloriam e permitiam que o vento, o sopro, levasse seu perfume a adocicar toda a atmosfera recém-criada. Os montes se mostravam imponentes e viam de ci-

ma a beleza e a perfeição de tudo que fora feito, só lhes restava o silêncio diante da grandeza do todo, do qual eram complemento, e em seu mais íntimo pensamento declaravam apaixonados, tudo é bom.

Em meio a esta sinfonia que, ainda crescia e em tons retumbantes declarava a glória do Criador, cresce um ser diferenciado, do barro vermelho foi tirado. Sujeito às mesmas leis da criação, constituindo da mesma matéria e essência, também levava em si o sopro do Criador e se via completando e sendo completado por tudo à sua volta, mas levava sobre si o brilho diferente e a responsabilidade de ser imagem e semelhança do próprio Deus. Cheio de esplendor, este ser foi chamado “humanidade” e passou a reger a grande orquestra da criação, a qual chamou de natureza, pois não a criara, era parte dela e se via assustado diante da imensidão, macro e micro, que o cercava. A autoridade estava sobre a humani-

dade, mas não havia razão para temer, pois sendo parte da terra, conhecedor de onde veio, saberia também que o fim da natureza seria também o seu fim. E assim toda criação confiou sua vida a este admirável ser, o qual cuidou dela como sendo de si.

Mas o que é isto?! Num abrir e fechar de olhos tudo está tão mudado. Quando tudo começou a retornar ao caos? Em algum momento, a humanidade parou de se entender como parte da criação e passou a ver a natureza como o outro, buscando nela apenas condições para expandir o reino humano e assim acabou por destruí-la. Hoje já há mais natureza. O que há é meio-ambiente, ecossistema, nada mais é natural. A humanidade interferiu de tal maneira egoísta na natureza que desvirtuou a glória do Deus incorruptível para a forma humana corruptível, e assim passou a criar o mundo à sua imagem e semelhança, corrompida pelo olhar direto ao seu umbigo.

De onde virá a salvação?

Somente pela cruz – morte e novo nascimento. Onde Cristo atrai sobre si todas as nossas vontades egoístas e nos chama a olharmos de volta para ele – Autor da Vida – e assim nos percebermos de novo, parte da ação do Criador e não único beneficiário da criação. Deus nos confiou a tarefa de mantenedores da vida. É preciso anunciar este fato a toda humanidade relembrando-a de onde viemos e do que somos parte. Toda criação gême aguardando a sua redenção.

Os vencedores foram:

1º lugar – REDAÇÃO nº. 06

Aluno: Hugo Gonçalves de Freitas – Curso Presencial Matutino

2º lugar – REDAÇÃO nº. 12

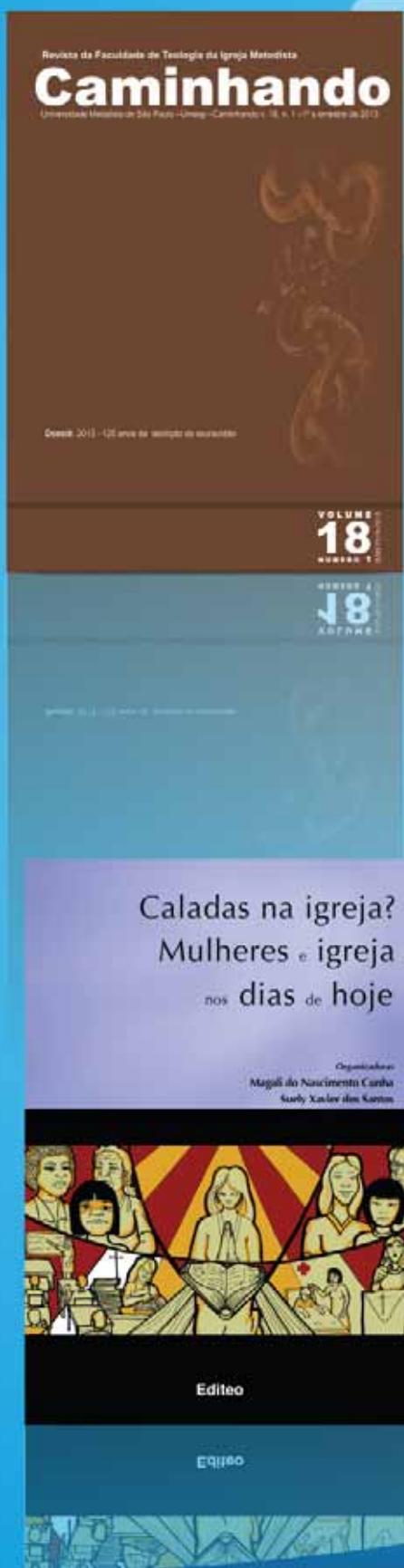
Aluno: Marcos de Oliveira – Curso de Teologia EAD – Pólo São José dos Campos

3º lugar – REDAÇÃO nº. 19

Aluno: Jorge Barreiros Alves – Curso de Teologia EAD – Pólo Itanhaém

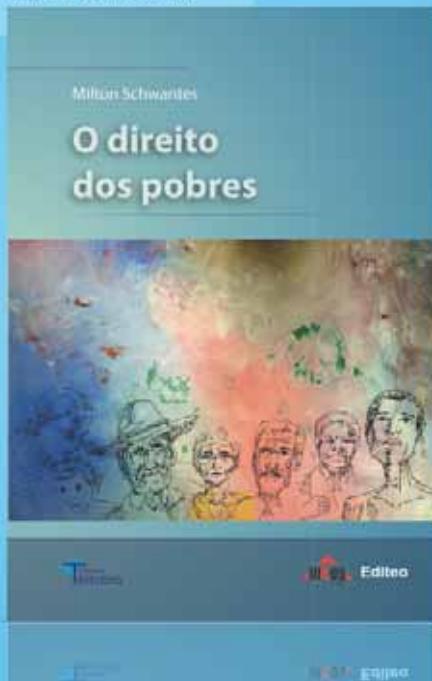
Teologia

Lançamentos Editeo 2013



Revista Caminhando, vol. 18, n.1.
Dossiê: "125 anos da Abolição no Brasil!?", com uma tradução dos Pensamentos sobre a Escravidão de John Wesley e suas cartas abolicionistas.
Elaboração: Ação Afirmativa Afro e Revista Caminhando
Acessível na Internet a partir de junho 2013:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/issue/archive>

O direito dos pobres
Milton Schwantes



As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste
Helmut Renders, José Carlos de Souza e Magali de Nascimento Cunha (Orgs.)

Caladas na Igreja? Mulheres e igreja nos dias de hoje
Magali do Nascimento Cunha e Suely Xavier dos Santos



Informações e Vendas • Livraria da Editeo:
Tel (11) 4366-5982 / 4366-5787 • Fax (11) 4366-5988
E-mail: livrariaediteo@metodista.br
Rua do Sacramento, 230 – Rudge Ramos
09640-000 – São Bernardo do Campo – SP